



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Tristán Narvaja:
uma etnografia sobre a Feira dos 'Mundos Paralelos' na cidade de Montevideo

Cláudia Cardoso Goularte

Pelotas, 2017

Cláudia Cardoso Goularte

Tristán Narvaja:

uma etnografia sobre a Feira dos 'Mundos Paralelos' na cidade de Montevideo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Dr.^a Claudia Turra Magni

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G694t Goulart, Cláudia Cardoso

Tristán Narvaja: uma etnografia sobre a Feira dos
'Mundos Paralelos' na cidade de Montevideo / Cláudia
Cardoso Goulart ; Claudia Turra Magni, orientador —
Pelotas, 2017.

124 f., il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós- Graduação
em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1.Feira de Tristán Narvaja. 2. Antropologia
compartilhada. 3. Etnobiografia. 4. Etnografia virtual I.
Magni, Claudia Turra, orientador. II. Título.

CDD : 306

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Cláudia Cardoso Goularte

Tristán Narvaja: uma etnografia sobre a Feira dos 'Mundos Paralelos' na cidade de Montevideo

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: Pelotas, 06 de julho de 2017.

Banca Examinadora:

.....

Prof.^a Dr.^a Claudia Turra Magni (Orientadora)
Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales

.....

Prof.^a Dr.^a Cornelia Eckert (UFRGS)
Doutora em Antropologia Social - Paris V - Sorbonne, Université Renne Descartes

.....

Prof.^a Dr.^a Flávia Maria Silva Rieth (UFPeL)
Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Esta dissertação contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), na forma de uma bolsa de Mestrado, possibilitando minha dedicação exclusiva a Pesquisa.

Agradeço a Daniel e Oscar, principais interlocutores na pesquisa, suas narrativas sobre a Feira de Tristán Narvaja foram fundamentais para a realização desta Dissertação.

As inúmeras pessoas com as quais conversei sobre a Feira no decorrer da pesquisa: feirantes, moradores e frequentadores.

A minha família por todo apoio durante este processo, em especial ao meu companheiro Jahan Leão.

A Briza, Cristina e German pelo carinho com o qual me receberam em suas casas, em Montevideo, durante a pesquisa de campo.

Aos professores do Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social e Cultural da UFPeL. Em especial à minha orientadora Claudia Turra Magni pela dedicação e carinho com que conduziu todo o processo de orientação, assim como, pelo aprendizado constante proporcionado pelos encontros junto ao Grupo de Apoio à Pesquisa Etnográfica com Imagem (GRAPETI), que ocorrem no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), um lugar muito especial, onde as constantes trocas de aprendizado fortalecem e estimulam o amor pela Antropologia.

Às professoras Cornelia Eckert e Flávia Maria Silva Rieth, que deram contribuições valiosas para o trabalho no exame de qualificação e que aceitaram participar da banca final de defesa da dissertação.

Aos colegas de curso, em especial, Andressa e Rosi, por todo apoio e carinho em momentos difíceis deste percurso.

Ao amigo e colega Vagner Barreto, por seu auxílio e carinho, nas tardes em que passamos lendo e revisando a dissertação.

A amiga Ândrea Lopes, por seu carinho e escuta em todas as fases da pesquisa.

A Hamilton Bittencourt, pelo auxílio fundamental na edição das imagens que compõem a dissertação.

Finalmente, agradeço ao acaso e aos encontros proporcionados através da Feira de Tristán Narvaja.

**Tudo que há no mundo, tudo que foi feito por Deus, tudo que foi feito pelos
homens, foi feito com a finalidade secreta, misteriosa, ignorada por eles
mesmos, de vir parar na Feira de Tristán Narvaja.
(Celiar M. Cegarra- Historiador uruguaio).**

Resumo

GOULARTE, Cláudia Cardoso. **Tristán Narvaja: uma etnografia sobre a Feira dos 'Mundos Paralelos' na cidade de Montevideo**. 2017, 124f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Esta dissertação toma a Feira de Tristán Narvaja, em Montevideo, como universo de pesquisa etnográfica. Ao longo de quatro capítulos é privilegiada a narratividade oral e imagética, assim como a importância de uma ligação no tempo com este lugar. Saliento para a pertinência e utilização de métodos e técnicas de pesquisa diversos, tais como: etnografia de rua, observação flutuante, observação participante, cartografia, etnobiografia e etnografia virtual, em diálogo com os aportes teóricos da Antropologia Urbana e Antropologia Visual. As especificidades dos interlocutores e das suas narrativas justificam a relação entre as alegorias do *flâneur* e do colecionador, assim como a relação entre surrealismo e etnografia. A partir disto, a Feira de Tristán Narvaja se constitui em um importante lugar de buscas e encontros relacionados com as trajetórias de vida dos interlocutores e da pesquisadora. A noção de *mundos paralelos*, como eixo estruturante da etnografia, remete às mercadorias comercializadas por trabalhadores conhecidos como *cachivacheros*. As memórias e histórias reunidas nesta pesquisa buscam desvelar a importância antropológica e as particularidades deste evento dominical que se repete há mais de um século na capital uruguaia, sem jamais ser o mesmo.

Palavras-chave: Feira de Tristán Narvaja; antropologia compartilhada; etnobiografia; etnografia virtual

Abstract

GOULARTE, Cláudia Cardoso. **Tristán Narvaja: one ethnography about the fair of 'Parallel Worlds' in the city of Montevideo**. 2017, 124f. Dissertation (master's degree in Anthropology) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

This thesis takes the fair of Tristán Narvaja, in Montevideo, while the universe of ethnography research. Throughout four chapters, oral and imagery narrativity is privileged, as well as the importance of a connection in time with this place. I emphasize the pertinence and use of methods and various research techniques, such as street ethnography, floating observation, participant observation, cartography, ethnobiography and virtual ethnography, in dialogue with the theoretical contributions of the Urban Anthropology and Visual Anthropology. The specificity of the interlocutors and their narratives justify the relationship between the allegories of the flâneur and the collector, as well as the relation between surrealism and ethnography. From this, the Tristán Narvaja's fair is an important place for searches and meetings related to the life trajectories of the interlocutors and the researcher. The notion of *parallel worlds*, like structuring axis of this ethnography, refers to goods marketed by workers known as *cachivacheros*. The memories and histories gathered in this research seek to reveal the anthropological importance and the particularities of this Sunday event which has been repeated for more than a century in the Uruguayan capital, without ever being the same.

Keywords: Tristan Narvaja's fair; Shared anthropology; Ethnobiography; Virtual Ethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem da artista visual Aida Moreno, publicada no periódico El Pais em 26/9/1999.	14
Figura 2: Imagem Revista O Cruzeiro Internacional 16/3/65.	21
Figura 3: <i>Feria dominical que se realizaba en la principal avenida. Año 1893..</i>	23
Figura 4: Feria de la calle Yaro, actual Tristán Narvaja. Barrio Cordón.....	24
Figura 5: Fosforito. Imagem S/D	31
Figura 6: Acervo pessoal Daniel.....	34
Figura 7: Imagem ilustrativa do museu.	39
Figura 8: Imagem de autoria de Daniel.	45
Figura 9: El Dia 27/11/1977.....	51
Figura 10: Imagem acervo pessoal Oscar.....	52
Figura 11: Imagem acervo pessoal Daniel.....	90
Figura 12: Imagem de autoria de Daniel.....	108
Figura 13: Imagem de autoria de Daniel.....	114
Figura 14: Interior da livraria. Autoria Daniel.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 POR UMA NARRATIVA DO ENCONTRO.....	14
1.1 O TEMA E SUAS MOTIVAÇÕES	15
1.2 A FEIRA NO TEMPO E NO ESPAÇO: ESPECIFICIDADES DE TRISTÁN NARVAJA	21
2 ENCONTRO ENTRE <i>FLÂNEURS</i> E APRECIADORES	31
2.1 DANIEL E OSCAR: OS PROTAGONISTAS DA ETNOGRAFIA.....	32
2.2 <i>CACHIVACHEROS</i> OU <i>PERIFERIANTES</i>	46
2. 3 PERSONAGENS DE TRISTÁN NARVAJA	51
3 FEIRA E IMAGENS.....	55
3.1 A FOTOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE NARRATIVA.....	57
3.2“VOCÊ QUE SABE POR ONDE QUER IR...”: PERCORRENDO A FEIRA COM OSCAR	60
3.3 FEIRA, RUA E CIDADE: PERCORRER PARA CONHECER	72
3.4 VOLTANDO PARA CASA: UM EXERCÍCIO SURREALISTA	83
4 ETNOBIOGRAFIA DE UM COLECIONADOR	90
4.1 ETNOBIOGRAFIA E ETNOGRAFIA VIRTUAL	93
4.2 TRAJETÓRIA E CICLOS DE VIDA.....	98
4.3 HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM	102
4.4 UM ENCONTRO DE TEMPORALIDADES.....	107
4.5 LIVRARIA ILION	115
4.6 ENCONTRO ENTRE MUNDOS PARALELOS: PERCORRER PARA CONHECER	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS.....	120

INTRODUÇÃO

*Mirándola o de memoria la reencuentro y la distingo.
De mañana y en domingo - ruidosa y tradicional
Cuando empieza la semana - pintoresca y con historia.
En domingo y de mañana - es la calle principal.
Este domingo nace con los feriantes
igual que otros domingos ya tan distantes
pisando estoy la calle Tristán Narvaja.
(Domingo y feria - Los Zucará)*

Esta dissertação é o resultado de um esforço: sintetizar o que em mim permaneceu sempre vivo e intenso em torno de um lugar e sua potência: a Feira de Tristán Narvaja, em Montevideo. O que une todos os capítulos é a certeza de querer compartilhar percepções, experiências e sentimentos que emergem em torno deste lugar, salientando para o que chamo de uma *narrativa do encontro*. O acaso é privilegiado no que diz respeito aos meus percursos na Feira; sendo responsável por inúmeras situações que extrapolam as tênues fronteiras entre o real e o irreal, o possível e o impossível, o previsível e o imprevisível.

A imaginação e a ficcionalização se integram às narrativas, como instrumentos legítimos. A respeito disto, Marc Henri PIAULT anuncia que:

Não há imagem sem *mise scène*, o processo imagético é por essência uma disposição do olhar para um certo conhecimento, da mesma maneira que todo o trabalho de escrita passa por uma elaboração ficcional: quando esta é deliberadamente escolhida e sobretudo enunciada, permite que se ponham em evidência as realidades sociais sobre as quais a antropologia trabalha". (PIAULT, 2000, p.151-152.).

Busco, ao longo do texto, produzir uma etnografia que privilegie os inúmeros contornos que tecem as possibilidades de uma atitude e uma atividade surrealista¹ - em relação a um lugar sobre o qual em inúmeros relatos esta designação surge de forma implícita e explícita. Segundo James Clifford, “*Los procedimientos surrealistas están siempre presentes en las obras etnográficas, aunque pocas veces con reconocimiento explícito.*” (CLIFFORD, 1995, p.179).

A descrição, assim como, a seleção das imagens, das falas de interlocutores e das referências foi pautada por uma necessidade de seleção, o que tornou, em muitos momentos, tal tarefa árdua e dolorosa. No que diz respeito às imagens e às possibilidades de estas atuarem como narrativas, as mesmas abriram caminhos importantes para que eu pensasse a Feira a partir da sua ambiência e das diferentes coisas, pessoas, ruas e vitrines, considerando o papel importante que assumem. As imagens trazem os percursos e a possibilidade de refletirem sobre as conexões que estabeleci com e neste lugar. Desta forma,

Não é somente a passagem entre os lugares e entre os tempos, mas as correlações entre o espaço e a duração, o que vai além de uma simples representação, a ultrapassagem impossível e necessária entre continuidade e descontinuidade, entre o semelhante e o dessemelhante, entre o um e o outro. (PIAULT, 2000, p.162.).

Muitos dos encontros realizados em campo se deram graças à própria dinâmica da Feira de Tristán Narvaja e ao que nela ocorre. Saliento a especial relação entre os diversos personagens com este lugar e as diferentes coisas de segunda mão que por suas ruas se encontram expostas todos os domingos para serem comercializadas. Os interlocutores da pesquisa, assim como eu, assumem, em muitos momentos, os papéis concomitantes e não conflitantes de frequentadores, admiradores, consumidores, trabalhadores, e também introjetam as alegorias e especificidades do *flâneur* e do *coleccionador*, descritas por Walter Benjamin (1987).

A pertinência da transposição das categorias e do pensamento benjaminiano é discutida nesta etnografia, porém, antecipo sua atualidade em relação à capital

¹ James Clifford salienta: “*André Breton insistia a menudo en que el surrealismo no era un cuerpo de doctrina o una idea definible sino una actividad.*” (CLIFFORD, 1995, p.149).

uruguaia a partir de Giuseppe Gatti (2011). O autor chama a atenção, para a percepção do espaço urbano de Montevideo nos mesmos termos das “passagens” parisienses, entendidas por Benjamin (1987) não apenas como universo empírico da metrópole moderna, mas como aporte epistemológico que tenciona distintas temporalidades, lugares e relações entre consciente e inconsciente:

Montevideo es una ciudad cuya forma nos confronta continuamente con el pasado, ofreciendo a quien la recorre imágenes que evocan temporadas olvidadas, como en una recuperación de fragmentos de un tiempo descartado. Esta asociación entre la experiencia física del recorrido y la mental interna, que evidencia la decrepitud del espacio, remite a los estudios de Walter Benjamin sobre los pasajes parisinos del siglo XIX. (GATTI, 2011, p.25).

A justaposição e a relação no encontro entre *mundos paralelos* no interior da Feira são enfatizadas. Estes *mundos paralelos* se tornam visíveis na ambiência da Feira, mas também estão concretamente presentes no asfalto de suas inúmeras ruas em composições estéticas de *Cachivacheros*: feirantes também “flutuantes”, por sua impermanência na atividade, estes se encontram com muita frequência pelas inúmeras ruas e feiras da capital uruguaia, tendo como especificidade a comercialização de mercadorias de segunda mão. São eles que trazem para o contexto da Feira de Tristán Narvaja as coisas provenientes de *diversos mundos*, as quais parecem ter a Feira como lugar privilegiado para um encontro marcado, um *porto de naufrágios* de coisas jazidas que insistem em voltar à vida.

Cachivacheros, em uma alusão possível, seriam uma espécie de “arqueólogos”, que, através de sua labuta e do olhar treinado, encontram, descobrem, trazem à tona, no espaço heterogêneo da cidade, coisas que há muito poderiam estar jazidas. São também responsáveis por carregar e negociar, nas manhãs de domingo para a Feira, o que tiverem disponível para vender, convictos de que terão consumidores interessados em adquiri-las. São coisas perdidas no esquecimento do tempo, que, neste evento urbano dominical (re)surgem.

Coisas singulares, estranhas, comuns, que encontramos nesta Feira, surgem de uma necessidade concreta de muitos de seus feirantes flutuantes. Ao serem comercializadas - e seguirem por novos e tortuosos caminhos - tais coisas aparecem nas falas dos interlocutores como produtoras de experiências, de lembranças, de emoções, mas, principalmente, de conhecimento sobre este lugar e suas dinâmicas.

Diferença e semelhança, espaço e tempo, distancia e proximidade, familiaridade e estranhamento, fizeram-me esquecer, mas também lembrar, o fato de que sou, e permaneço sendo, estrangeira nesta cidade e nesta Feira. Ao mesmo tempo, este lugar se integra e é envolvido por uma cidade que se move sem parar entre passado e presente. Montevideo, aonde tantas vezes cheguei, e da qual pareço não conseguir partir, mesmo estando distante fisicamente, me remeteu em muitos momentos a sentimentos de nostalgia e saudade. Esta sensação passou a acompanhar muitos dos meus passos no interior desta etnografia e se relaciona com a presença e justaposição do passado e presente no interior da cidade e da Feira de Tristán Narvaja.

Si se observa detenidamente con qué persistencia y arraigo florece todavía en el Uruguay la nostalgia de un 'algo indefinido' que se perdió, y cuán intensa es la necesidad de volver a reencontrarse con el contenedor físico donde se vivió la dicha pasada – Uruguay visto como el país de la arcadia que emerge del pasado–, no pasaría desapercibida la paradoja evidente de que el edén perdido pudo, incluso, no haber existido nunca. (GATTI, 2011, p.192).

O texto que apresento no decorrer dos quatro capítulos que compõem esta dissertação de Mestrado em Antropologia não tem a intenção de afastar a minha proximidade com a Feira de Tristán Narvaja, antes, é material que testemunha o fantástico representado por este lugar.

O primeiro capítulo - **Por uma narrativa do encontro** – apresenta o tema e problema da pesquisa, integrando as narrativas de cronistas e material histórico recolhido na imprensa foto-jornalística, em dialogo com fundamentos da Antropologia e de pensamentos e alegorias de Walter Benjamin. Através de textos e imagens que revelam a importância da Feira de Tristán Narvaja para a cidade de Montevideo, assim como seu forte apelo no imaginário uruguaio, este capítulo busca contextualizar a história desta Feira e introduzir o leitor em seu universo contemporâneo.

O segundo capítulo, de caráter etnográfico - **Um encontro entre flâneurs e apreciadores** - apresenta os dois principais interlocutores da pesquisa, suas percepções, conhecimentos, interpretações e os vínculos que mantém com a Feira e com as coisas comercializadas. É a partir de suas falas que problematizo a noção de *mundos paralelos*, que guia a etnografia. À luz do aporte teórico da etnografia, que

demonstra a importância deste encontro dialógico para a sua realização, focalizo nas narrativas destes protagonistas e abordo ainda a relação que estes estabelecem com os trabalhadores denominados como *Cachivacheros*. Ainda neste capítulo apresento alguns dos principais personagens e lendas em torno da Feira.

No terceiro capítulo - **Feira e imagens** - em que exploro a cartografia, a observação flutuante e a etnografia de rua como meios de desenvolvimento da pesquisa de campo, busco refletir sobre o potencial imagético da Feira de Tristán Narvaja, assim como, a relação entre Antropologia Urbana e Surrealismo.

O diálogo teórico com as técnicas e métodos de pesquisa utilizados e a apresentação de três ensaios fotográficos produzidos por mim durante a pesquisa de campo tecem a construção deste capítulo, na intrínseca relação entre o texto etnográfico, memórias narradas e imagens. As fotografias produzidas em campo por mim, sua seleção e disposição buscam levar o leitor para dentro do espaço da Feira, enfatizando para a especificidade das mercadorias de segunda mão, comercializadas em seu mercado de pulgas.

No quarto e último capítulo - **Etnobiografia de um colecionador** - apresento etnograficamente a relação entre Daniel e a Feira de Tristán Narvaja a partir da relevância desta na sua trajetória de vida. A partir dos princípios da etnobiografia, em consonância com a Antropologia Virtual, discuto teoricamente a relevância destes métodos etnográficos e a pertinência de sua utilização nesta pesquisa.

Deste modo, busquei, a partir da forma e estilo ensaístico, demonstrar o quanto me sinto permanentemente presente neste lugar, mesmo à distância. Assim, é com profundo respeito aos meus interlocutores, às narrativas e testemunhos a que tive acesso, assim como, aos fatos históricos, às ficções, às projeções recolhidas e produzidas de modo compartilhado, que procuro apresentar este material de uma maneira fluída e coerente com a afecção que estas experiências me proporcionaram.

1 POR UMA NARRATIVA DO ENCONTRO

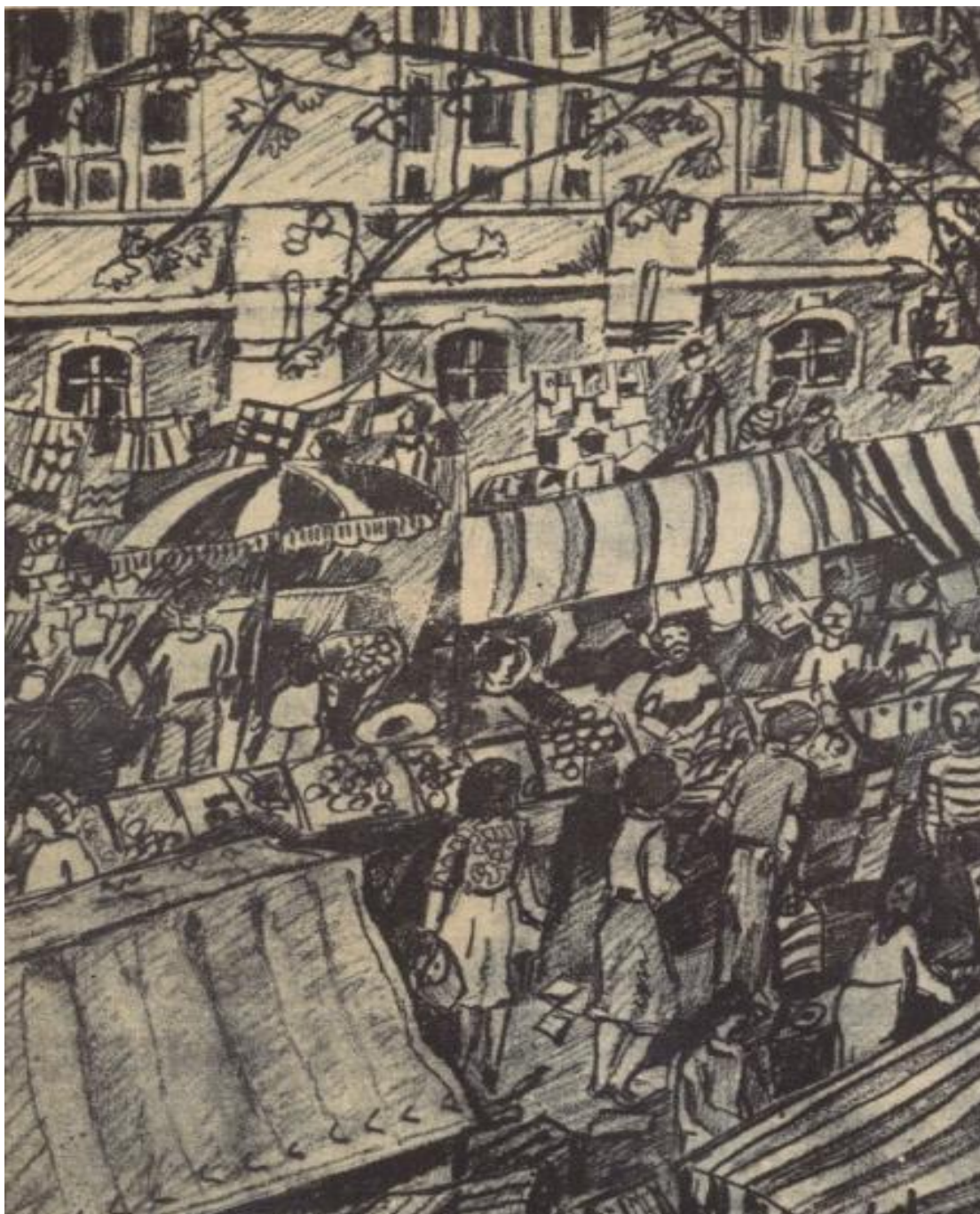


Figura 1: Imagem da artista visual Aida Moreno, publicada no periódico El Pais em 26/9/1999.

1.1 O tema e suas motivações

Era verão de 2007 quando conheci a Feira de Tristán Narvaja em Montevideo. O primeiro contato foi impactante. O comércio de/na rua era algo que me despertava profundo interesse como pesquisadora: na época, finalizava minha pesquisa no Mestrado em Sociologia, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel)², que tinha como foco as trajetórias de trabalho, via história oral, de um grupo de trabalhadores que exerciam a atividade de camelôs na cidade de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul.

O encontro com a Antropologia e a possibilidade de conduzir a pesquisa por essa via, me foi apontado também nesse período, momento em que conheci duas antropólogas com quem tive o privilégio de dialogar sobre os rumos da dissertação que realizava, e que foram fundamentais na minha trajetória³. Ao mesmo tempo, o fato de, naquele momento, estar trabalhando como artesã⁴, me trouxe a experiência da ocupação de espaços públicos, nem sempre permitida, para o exercício da atividade de trabalho. Mas, até aquele momento, essa experiência fôra restrita ao território brasileiro.

O que motivou minha primeira viagem para Montevideo foi uma visita: a filha do meu companheiro vivia na capital uruguaia, desde 2004, e tínhamos ido ao seu encontro. Permanecemos, assim, em torno de um mês na cidade, período no qual trabalhamos, quase diariamente, com a venda de artesanato na rua.

Foi assim que, em nosso primeiro domingo na cidade uruguaia, se deu meu encontro com a Feira de Tristán Narvaja. Lembro, ainda hoje, a sensação que a Feira provocou em mim, um misto de encantamento e deslumbramento devido ao aparente caos e a multidão de coisas e pessoas. Mesmo que tenham se passado mais de dez anos, a Feira ainda me seduz. Neste processo, algumas coisas

²Intitulada, *Cotidiano, identidade e memória: narrativas de camelôs em Pelotas (RS)*, a pesquisa discute as noções de “informalidade” e “formalidade” no trabalho, entre a ocupação específica dos camelôs no espaço denominado na época como Camelódromo de Pelotas. A dissertação esteve circunscrita aos anos de 1997 a 2007 e teve como problemática as questões em torno de como se construíram as identidades entre os trabalhadores e de como estas se revelaram em oposição e complementaridade com o fato de se nomearem também como pequenos empresários.

³ Trata-se de Marta Jardim e de Claudia Turra Magni (esta que veio a ser orientadora da presente pesquisa).

⁴ Profissão e atividade de trabalho que exerci entre 2003 a 2008, de maneira exclusiva.

passaram a ser repensadas, e o caos passou a ser visto como justaposição de coisas, mas também de discursos, de textos, de pessoas, numa relação entre o tema e a pesquisa.

Daquela época em diante, no mínimo uma vez por ano, troquei o Brasil e suas rotas pela capital uruguaia, motivada, em todas as vezes, pelo reencontro com a Feira de Tristán Narvaja.

Em 2013, a possibilidade de pesquisa sobre o tema se tornou concreta, a partir do convite para participar das reuniões do Grupo de Apoio à Pesquisa Etnográfica com Imagem (GRAPETI), que ocorrem no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), na Universidade Federal de Pelotas, sob coordenação da Professora Claudia Turra Magni. Motivada pelas discussões e leituras, bem como por uma inquietação pessoal, realizei a seleção para o Mestrado em Antropologia na instituição acadêmica, no qual ingressei em março de 2014 com um pré-projeto sobre a Feira de Tristán Narvaja. A partir daí, realizei três viagens à capital uruguaia: a primeira, em julho de 2015; a segunda, em dezembro do mesmo ano e a terceira, em setembro de 2016. Durante este período realizei oito imersões em campo, em um total de sete semanas, perscrutando seus mundos possíveis e visíveis, atenta aos percursos realizados e encontros produzidos no processo da pesquisa, em país estrangeiro ao que habito. Na Feira, pensava sobre as especificidades que ela congrega, e como estas poderiam ser articuladas através de uma abordagem antropológica, respaldada em campos como a Antropologia Urbana e a Antropologia Visual.

Neste sentido, autoras como Viviane Vedana (2004, 2005, 2007, 2013) e Rosana Pinheiro Machado (2002, 2013) foram fundamentais para pensar e refletir sobre as configurações, práticas e importância dos mercados e feiras de rua em um contexto urbano:

Mercados e organizações econômicas são temas fundantes da disciplina antropológica, uma vez que constituem um fenômeno presente nos mais variados grupos humanos e, em última instância, respondem à norma universal de trocas recíprocas. Logo, um mercado não é composto somente por interesse, cálculo e valor, mas igualmente, um universo simbólico pelo qual circulam bens, pessoas e informações. (PINHEIRO MACHADO, 2013, p.100).

Desta forma, as coisas⁵ comercializadas na Feira de Tristán Narvaja nos falam de especificidades culturais e simbólicas importantes de serem captadas por esta pesquisa. Por meio delas, relacionam-se desejos e possibilidades de encontros. Tais situações foram amplamente narradas pelos interlocutores, ecoando na afirmação de Rosana Pinheiro Machado, de que “[...] mercado é informação. O que se vende, como se vende e o quanto se vende falam sobre a cultura de determinado tempo e lugar.”, (PINHEIRO MACHADO, 2013, p.103). Efetivamente, podemos compreender que a Feira de Tristán Narvaja, assim como outras existentes na cidade, revelam uma parte importante do modo de vida de seus habitantes.

Atenta às especificidades desta Feira, assim como sua intrínseca relação com a cidade, busco, no decorrer do texto, aproximar minhas impressões de uma abordagem ensaística. Tendo como inspiração as pesquisas de Viviane Vedana sobre os mercados de rua, me mantive atenta à compreensão dos “ritmos e das práticas cotidianas que envolvem os mercados de rua e seu lugar no que tange à configuração de uma poética urbana”. (VEDANA, 2013, p.148).

Mas foi somente quando me deixei ser “engolida” pela Feira, no sentido de passar a estar nela, mesmo quando estava de retorno à minha casa, que pude tomar distância das experiências mais pungentes e ter mais clareza sobre o foco da pesquisa e o teor da narrativa etnográfica. Ativar lembranças, rever, ler, transcrever e selecionar uma quantidade imensa de material empírico ajudou-me a escrever e achar os caminhos e modos adequados para esta narrativa, o que não teria sido possível sem um tempo prolongado de convívio intenso no/com o lugar. Estou certa de que as relações, os encontros e as experiências que tive no espaço da Feira, ao longo do trabalho de campo, são obviamente impossíveis de estarem presentes neste texto de maneira integral. Porém, as narrativas e observações que se seguem, fruto também da escuta, da percepção, da educação da atenção, têm a intenção de descrever aspectos que julgo fundamentais em relação ao processo etnográfico. Ao longo desse tempo, ter construído uma relação com a Feira de Tristán Narvaja

⁵ No decorrer desta pesquisa utilizo o termo coisas em detrimento de objetos. Tal diferenciação foi expressa por Ingold (2012), que salienta que “Desafiando a noção estabelecida de ‘objeto’, propõe-se a retomada da noção de ‘coisa’, porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais, integrada aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente”. (INGOLD, 2012, p.25). Assim, “a coisa, por sua vez, é um ‘acontecer’, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião.” (INGOLD, 2012, p.29).

sensibilizou a escolha por uma fala pautada na imersão em imagens, em narrativas, em sensações e em metáforas.

Estar na Feira Tristán Narvaja, pela perspectiva aqui privilegiada, é estar entre as coisas dos “vários mundos” que se encontram sistematicamente, aos domingos, neste lugar. Coisas velhas, novas, antigas e nem tanto. Enferrujadas, estragadas, rasgadas, deterioradas. Em sua maioria, com camadas e vestígios do tempo. Marcas e sinais de locomoção e desterritorialização. A partir do momento em que se encontram na Feira, estas coisas passam a incorporar o que está ao seu redor. Desta forma, o estranho e o inusitado promovem novas possibilidades de ver, de pensar e de relativizar o que é diferença e o que é semelhança. A Feira parece, assim, querer dizer que chegamos ao lugar certo para esbarrar, a todo o momento, no que, até então, parecia incomum, mas que também por isso, passará a ser buscado e desejado.

A profusão de coisas bizarras, misturadas com outras banais, conserva ao seu modo, e cada qual do seu jeito, a vida que pulsa na Feira. Coisas expostas em bancas, em mostradores ou no chão, parecem sentirem-se em casa, após terem sido transportadas em sacolas, em caixas e em malas por seus expositores – enroladas, misturadas e emaranhadas.

A comparação com outras feiras passa a ser inevitável. A esse respeito, compartilho da sensação da antropóloga Sonia Romero Gorski:

Cada mercado que visité en otras ciudades, pasó por la prueba de la comparación con la Feria de Tristán Narvaja y fueron muy pocos los que se acercaron a la diversidad asombrosa que pone en escena esta parte de la ciudad de Montevideo por el espacio de algunas horas, todos los domingos.
(GORSKI, 2009, p. 34-35).

A Feira de Tristán Narvaja condensa uma diversidade de coisas, dentro de outra diversidade assombrosa que compõe o que podemos denominar como “mercado de pulgas”, composto por coisas que insistem sobre a importância que podem ter, estabelecendo uma intensa comunicação com frequentadores, *flâneurs* e colecionadores. Quem vai à Feira busca o encontro, não somente com as coisas, mas com as inúmeras situações que envolvem as pessoas que compartilham das especificidades do lugar. Giuseppe Gatti (2011) salienta o ponto de contato entre as experiências visuais e emocionais do *flâneur* que percorre a cidade de Paris e a relação desta atividade e personagem com a cidade de Montevideo,

Ambas experiencias, sin embargo, confluyen en una sublimación de la extranjería, pues tanto la ociosa flânerie del parisino como las reiteradas pérdidas de orientación del montevideano acaban expresando una misma búsqueda de 'pureza', en el sentido de una distante – y al mismo tiempo comprometida – experiencia de aislamiento y extrañeza hacia la ciudad, que ya no se reconoce como propia. (GATTI, 2011, p.237).

O *flâneur* é aqui pensando enquanto personagem da etnografia, mas também, de certa forma, como meu alter ego, comportando as caracterizações que Walter Benjamin atribuiu a esta alegoria, e que “sintetizava uma ideia: a do anonimato na cidade moderna e no mercado, espaços onde se impõem novas condições de experiência”. (SARLO, 2013, p. 58).

A Feira de Tristán Narvaja pode, assim, ser pensada como um lugar de experiência e de encontro entre *flâneurs*. A pertinência da utilização da categoria benjaminiana para o universo de pesquisa encontra também ressonância na análise de Willi Bolle:

Na obra de Benjamin existe um potencial, ainda pouco aproveitado, para se conhecer melhor a fisionomia de uma Modernidade inacabada ou fracassada. Determinadas observações e reflexões em seus escritos esperam por ser 'arrancadas de seu contexto', de um ponto de vista diferente do europeu, para serem montadas segundo uma nova planta de construção. (BOLLE, 2000. p.28).

O *flâneur* de Walter Benjamin nos ensina que devemos registrar as sensações urbanas e experienciar a rua também como uma espécie de morada (BOLLE, 2000). Importante frisar que nem *flâneur*, nem colecionador são categorias plenas, mas sim “descobertas sob a forma de imagem, da construção narrativa ou poética do histórico” (SARLO, 2013, p. 99). Assim, o *flâneur* e o colecionador se misturam aos frequentadores da Feira na busca pelo encontro com mercadorias específicas, que, muitas vezes, somente tem sua necessidade ativada pela qualidade e singularidade do encontro. Para além das coisas em si, são as situações e os momentos da vida que configuram o encontro e tornam muitas destas, atrativas e especiais.

Assim, a problemática que move a pesquisa é acionada pelo fato de me colocar como uma *flâneuse*, uma passante, na busca por lugares e por encontros no interior da Feira. Com a intenção de, produzir uma narrativa etnográfica, aberta e não linear, que demonstre a potencialidade deste lugar. Isto inclui a reflexão sobre a

noção de *mundos paralelos*, que se encontra representada na profusão de coisas e experiências vivenciadas na Feira de Tristán Narvaja. Com isso, atento ainda para a especificidade dos encontros produzidos, na busca por uma antropologia atenta e sensível às narrativas construídas a partir das reflexões compartilhadas em torno deste lugar.

Tenho como principal objetivo fazer dialogar, tecer e evidenciar as narrativas orais, escritas e visuais sobre e no âmbito da Feira de Tristán Narvaja. A partir de diferentes atores que se comunicam, se chocam, se reforçam ou se encontram em suas experimentações e narrativas, o que busco é descrever os aspectos similares, complementares, mas também contraditórios e incoerentes que convergem para este universo. Estas possibilidades são acionadas por meio da literatura, do material de campo, dos percursos realizados sozinha, mas também dos encontros com interlocutores, com coisas, com situações, que salientam a Feira como experiência, marcada por diferentes temporalidades, significados e possibilidades de experimentação.

1.2 A Feira no tempo e no espaço: especificidades de Tristán Narvaja

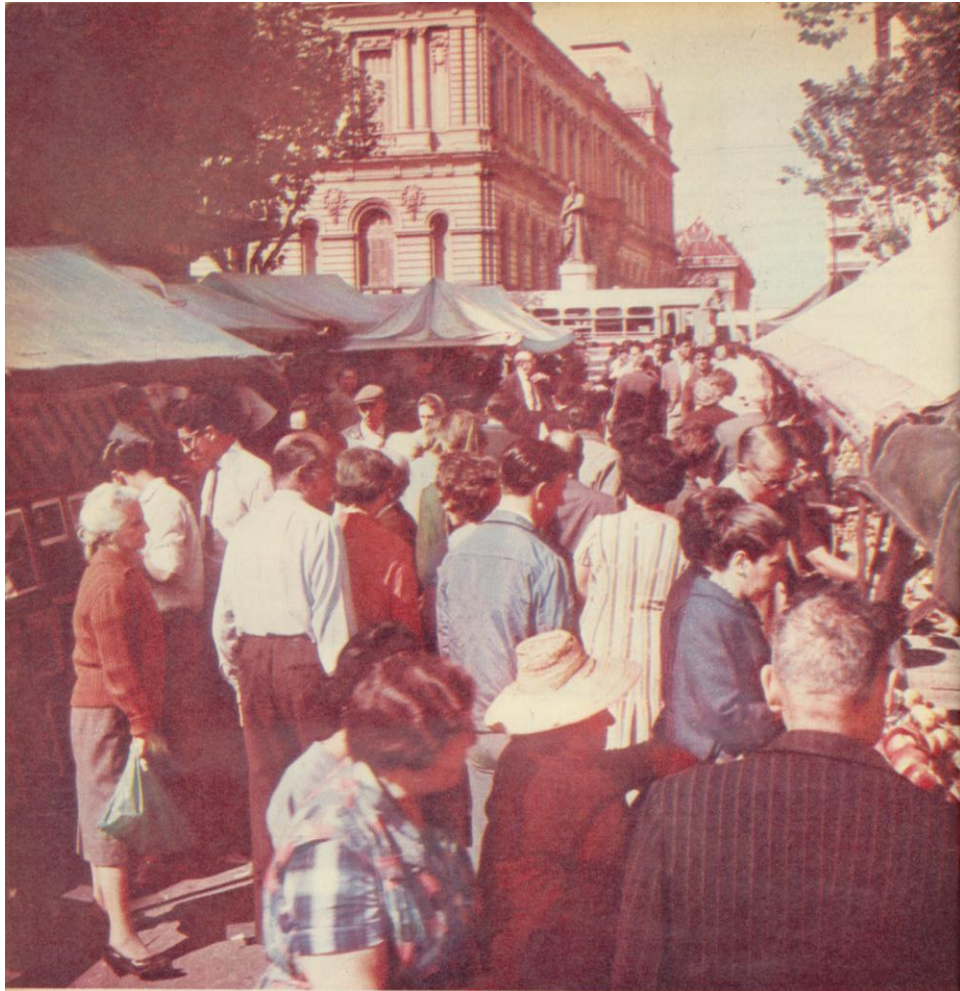


Figura 2: Imagem Revista O Cruzeiro Internacional 16/3/65.

As feiras livres são uma característica marcante no cotidiano de Montevideo⁶. Porém, a Feira de Tristán Narvaja adquiriu uma importância substancial com o tempo, sendo por isso amplamente saudada em narrativas potentes, sobretudo, de cronistas, de jornalistas e de fotógrafos, que fizeram dela não *apenas uma a mais* no calendário semanal das feiras da cidade, mas a Feira mais famosa da capital uruguaia, em cuja rua principal repousa o olhar atento da estátua de Dante Alighieri⁷ que se encontra representado na imagem acima.

Percorrendo a Feira tive acesso a produções jornalísticas sobre sua história, dentre as quais, a mais antiga data de 1965: uma extensa matéria na revista *Cruzeiro Internacional*, demonstra que já nesta época, a sua importância e fama entre uruguaios e estrangeiros se encontrava consolidada.

Todos los domingos, año a año, con sol o con lluvia, una Feria en Montevideo, ofrece los productos más variados para las necesidades más dispares. La "Feria de Tristán Narvaja", en la capital uruguaya, es una auténtica cita del pueblo y un conglomerado de mercaderías, personajes, riqueza, necesidades y diversiones.

La "Feria de Tristán Narvaja" ha ganado justificada fama y se ha convertido en una verdadera reunión del pueblo uruguayo. Ella conserva su esencia netamente popular y montevideana y en ella se encuentran toda clase y tipo de mercancías.

La "Feria de Tristán Narvaja" es ya famosa en Montevideo.

Trata-se da Feira considerada como a mais famosa de Montevideo, conforme inúmeras conversas que tive com feirantes, consumidores e moradores do bairro. Sendo que, na pesquisa de Jorge Rapetti (2005), encontrei sintetizado os seus deslocamentos no espaço da cidade, ao longo do tempo.

⁶ Em *Las Relaciones Laborales en las Ferias Vecinales: ¿Shopping popular o Mercado de trabajo?* (RAPETTI, 2005), temos acesso a importantes informações sobre as feiras livres que ocorrem semanalmente em Montevideo. Estas dizem respeito, sobretudo, a sua profusão e intrínseca relação com o cotidiano da cidade. Ao problematizar dados quantitativos, o autor demonstra como, uma grande parcela da população, principalmente de média e baixa renda, percorre as feiras, semanalmente, em busca de preços baixos, além disto, as mesmas são responsáveis pela importante geração de trabalho e renda para uma parcela considerável da população.

⁷ Localizada na *Avenida 18 de Julio* e entre os prédios da Faculdade de Direito e a Biblioteca Nacional.

Las ferias, en nuestro país, nacieron prácticamente con los primeros pobladores, por lo que son más antiguas que la propia institucionalidad uruguaya. Ya en 1730, los escasos habitantes de la ciudadela de Montevideo, se abastecían de frutas y verduras en la feria que se realizaba en la Plaza Central. Entre 1836 y 1876, la feria se realizaba en el mercado de la Plaza Independencia. A fines del siglo XIX, en las veredas de la actual avenida 18 de Julio, comenzó a funcionar un 'Mercado de las pulgas' con tan variadas ofertas, que se constituyó en el antecedente inmediato de lo que en 1909 comenzó a ser 'la feria de Tristán Narvaja'. (RAPETTI, 2005. p. 3-4).



Figura 3: Feria dominical que se realizaba en la principal avenida. Año 1893. (Fonte: Centro de Fotografía de Montevideo).

Apesar de ocorrer desde 1909 na Rua de mesmo nome⁸, a Feira de Tristán Narvaja, se estende de maneira autônoma e flutuante por diversas vias transversais, compreendendo em torno de 40 quadras. Em 26 de setembro de 1999, uma matéria

⁸ *Tristán Narvaja rinde homenaje a quien fue un destacado hombre de leyes, autor de la Ley de Hipotecas y del Código Civil de 1869. Nacido en la República Argentina en 1819, más precisamente en Córdoba, pero radicado desde los veinte años en el Uruguay, al que llegó buscando refugio de la policía rosista. Se incorporó muy temprano el foro nacional, fue catedrático de Derecho Civil de la República de 1868 que lleva su nombre, siendo actualmente reputado como de muy avanzado para su época. Este hecho le valió como mérito suficiente para ser declarado ciudadano legal uruguayo por decreto del Gobernador Provisorio General Venancio Flores de febrero de ese mismo año. Partícipe también de la vida política, ejerció posteriormente los cargos de Diputado y Ministro do Gobierno. (VIVALDA, 1996, p.21).*

em comemoração aos 90 anos da Feira no diário *El País*, apresenta dados que estimavam, à época, a existência de 1.500 postos, bancas de produtos diversos – dentre os quais apenas 500 estariam habilitados.

Ainda em relação ao nome atribuído a Feira, é importante frisar que como salienta Viviane Vedana, em diferentes partes do mundo “os mercados de rua e feiras livres são em geral identificados a partir do nome do lugar que os abriga”. (VEDANA, 2013, p.150).



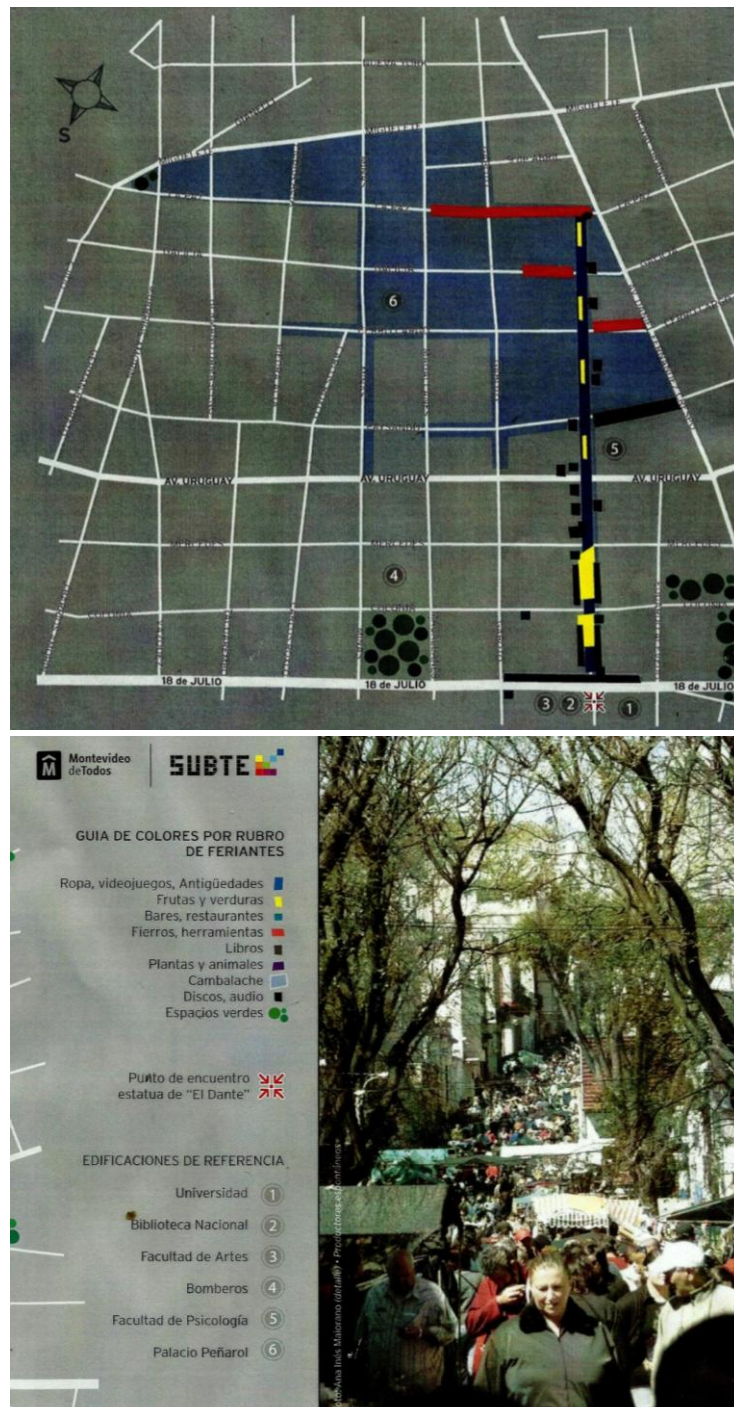
Figura 4: Feria de la calle Yaro, actual Tristán Narvaja. Barrio Cordón. Fecha: Año 1920. Productor: Intendencia de Montevideo. Autor: S.d. (Fonte: Centro de Fotografía de Montevideo).

O grupo de imagens a seguir, busca destacar a ambiência da Feira no passado, as mesmas tem como fonte a Revista *Cruzeiro Internacional* e datam de 1965.





O mapa que segue busca guiar e localizar o leitor em parte dos meus percursos na Feira, o mesmo foi confeccionado como parte das comemorações ao centenário da Feira, o qual integra o catálogo comemorativo: *Feria de Tristán Narvaja Tiempo, Señales y Objetos. Homenaje del CME- SUBTE a los 100 años de la Feria de Tristán Narvaja, 2009*. Destacam-se suas diferentes zonas, mercadorias comercializadas, assim como, o amplo espaço destinado ao “cambalache”, que caracteriza os mercados de pulgas.



A Feira de Tristán Narvaja esta situada no Bairro *Córdon*, que tem intrínseca relação com o centro comercial da cidade. Vincula-se a esse principalmente em razão da proximidade com a *Avenida 18 de Julio*. Conforme Vedana,

Os mercados de rua têm uma relação estreita com os bairros que os abrigam em termos das 'formas expressivas' que os configuram. Cabe aqui salientar, entretanto, que este pertencimento dos mercados a certos territórios da cidade revelam dimensões importantes das formas de sociabilidade no cotidiano urbano, bem como da adesão de seus habitantes às ambiências efervescentes dos mercados. (VEDANA, 2013, p.150-151).

No Bairro⁹, encontramos uma arquitetura que permanece em parte preservada, composta por prédios centenários, em geral de um andar, e residências modestas. A grande quantidade de plátanos presente traz luz e sombra ao passeio, onde comércios simples fornecem o acesso ao básico. A *Avenida 18 de Julio*, extremamente próxima, coloca todos em contato com tudo, incluindo outros caminhos, via seus inúmeros pontos de ônibus, que levam para os mais diferentes destinos da cidade.

Durante a semana, o Bairro é tranquilo, apesar da proximidade com a *Avenida 18 de Julio*. Percebo essa como uma característica da cidade, porém, a sensação de tranquilidade pode ser em grande parte creditada ao silêncio. Montevideo é uma cidade silenciosa, se comparada às metrópoles brasileiras. Percebi essa característica em inúmeros percursos que independem da quantidade de pessoas que se encontra em nossa volta. O Bairro *Córdon* não é diferente durante a semana. Se existem elementos que rompem com o silêncio da cidade, a existência das inúmeras feiras é um desses. Em domingos de Feira, o Bairro se transforma, seus antiquários e livrarias ficam movimentados, assim como, os demais comércios, que abrem neste dia devido à imensa quantidade de pessoas atraídas pela Feira.

⁹ Fundada Montevideo con el carácter de un bastión militar en la península, claras razones estratégicas impusieron dejar libres de obstáculos los espacios aledaños para no entorpecer la eficacia defensiva de las bocas de fuego de sus baluartes y murallas. Esta zona de "extramuros", conocida como "Campo de Marte" o "ejido", donde estaba prohibido edificar construcciones permanentes, sin embargo, no fue delimitada hasta promediar el siglo XVIII. En efecto, según narra Isidoro de María, el primer trazado se hizo poco después de instituida la Gobernación Política y Militar de Montevideo, hacia 1750, estableciéndose la línea o "cordón", que separaba el "ejido" de los terrenos de "propios", en la distancia de un "tiro de cañón" a partir de las murallas de la ciudad. (Prefeitura de Montevideo. In: (<http://www.montevideo.gub.uy>)).

Existem duas principais possibilidades de primeiro contato com a Feira de Tristán Narvaja: ou se cai diretamente dentro dela por uma de suas ruas paralelas, através dos ônibus que cruzam a Feira; ou se pode entrar por sua porta principal, que se encontra na esquina da *Rua Tristán Narvaja* com a *Avenida 18 de Julio*.

Há 10 anos entrei pela porta principal, ainda sem saber que era assim considerada.

Aunque se puede acceder por cualquier calle lateral, hay una natural puerta de entrada a la feria, que a su vez es el punto geográfico más alto de las siete cuadras por las que se extiende la calle Tristán Narvaja: hablamos de 18 de Julio, como se sabe, el viejo Camino Real a Maldonado trazado sobre el lomo de la Cuchilla Grande. (ROLAND, 2013).

Por essa via de acesso, tive a sensação de um encontro com gosto de descoberta. Ao me aproximar, tive pistas e indícios sensoriais de que estava indo de encontro à Feira, antes que a mesma se tornasse visível. Um movimentado comércio de rua trata de preencher as calçadas da *Avenida 18 de Julio*, nas quadras anteriores à *Rua Tristán Narvaja*, parecendo avisar que tudo que será visto dali em diante será perpassado por uma eclosão de possibilidades e sensações – visuais, auditivas, olfativas e táteis. Entre mercadorias comercializadas, que incluem, flores, plantas, comida, peixes ornamentais e ervas para chás, além de um ou outro músico, uma quantidade considerável de pessoas, atentas e distraídas, caminha já com a lentidão que será necessária para percorrer a Feira.

As coisas e as pessoas que o caminhante está prestes a ver estão conectadas por semelhanças e diferenças que se complementam e fazem parte do todo. Também por relações de legalidade/ilegalidade, permissão/proibição no espaço da interação entre feirantes, não sendo pré-determinada ou fiscalizada por nenhum tipo de instituição externa.

Tudo o que conhecia até então, que julgava conhecer, tudo que estranhava e me atraía se encontrou, no dia 26 de julho de 2015, em meu primeiro dia em campo como mestranda em Antropologia Social e Cultural. Meu forte desejo de iniciar a pesquisa com dedicação exclusiva, buscando permanecer o maior tempo possível conectada à Feira, aconteceu. Possibilidades de perguntas e reflexões, vindas das pessoas, das coisas, dos lugares e das imagens com quem apenas cruzei ou encontrei de modo mais demorado.

O primeiro dia em campo foi também meu primeiro dia nessa época do ano na cidade. Por ter, até então, ido sempre no verão, não tinha vivenciado outras estações na Feira, e mais do que a diferença de público e profusão de coisas, o que a diferencia em outras estações do ano é a mudança na luminosidade que perpassa os plátanos no inverno, primavera, outono ou verão. O contraste entre luz e sombra é particular em cada fase do ciclo anual, de modo a iluminar a paisagem, as pessoas e as coisas, interferindo, assim, no modo como se vê e se sente a Feira de Tristán Narvaja.

Na minha primeira estada invernal na cidade, cheguei à Feira em torno de 8h. da manhã. Era a última semana de um julho de 2015. Nem tão frio, mas o suficiente para proporcionar uma sensação gelada em meio ao asfalto e às calçadas molhadas pela geada da noite anterior.

Lembro-me da intensidade deste primeiro dia em campo, provocada pelo reencontro com toda a multiplicidade de pessoas e coisas integradas nas muitas quadras que comportam esse lugar, que só acontece como tal por algumas horas nos domingos. Sem dúvida, a Feira de Tristán Narvaja possui tantas e sempre novas possibilidades quanto às coisas e pessoas que a compõem.

Quando cheguei, muitos feirantes ainda montavam ou arrumavam suas bancas; poucas pessoas circulavam pelo local; as que já cruzavam suas ruas caminhavam sem pressa, em geral, na companhia do mate quente, bebida típica dos gaúchos. As primeiras tortas fritas, lanche de rua tradicional no Uruguai, já começavam a ficar prontas. Seu aroma se misturava com o do café da manhã que muitos feirantes preparavam atrás das bancas.

Iniciei, assim, a pesquisa, com a sensação de quem retorna, depois de algum tempo, a um lugar que considera especial, e é acolhida mais uma vez. Sentimos, prevemos, experimentamos – e as etnografias falam sempre – mesmo que implicitamente, que os lugares deixam marcas em quem os percorre. Contar sobre estes vestígios e indícios impregnados em nós faz parte da escrita etnográfica.

2 ENCONTRO ENTRE *FLÂNEURS* E APRECIADORES



Figura 5: Fosforito. Imagem S/D. Disponível em: <http://www.elreporte.com.uy/fosforito/>.

No capítulo anterior procurei situar a Feira em tempos históricos e espaciais, no contexto da capital uruguaia. À medida que avancei em meu trabalho de campo, passei a estranhar ainda mais o modo como este evento semanal acontece e transcorre, percebendo, pela apreciação direta, suas contradições e os planos justapostos, alertados e/ou reforçados pelas narrativas. Neste percurso, tive o privilégio de dialogar e interagir com dois interlocutores em especial, que vieram a se tornar os protagonistas da etnografia, além de outros coadjuvantes: os *cachivacheros* ou perifeirantes. É neles que me atenho para o desenvolvimento do presente capítulo.

2.1 Daniel e Oscar: os protagonistas da etnografia

Ao longo do trabalho de campo, encontrei com dezenas de pessoas. Com atenção, escutei suas narrativas, suas percepções, suas atividades e suas experiências em torno da Feira de Tristán Narvaja. Mas foi com Oscar e Daniel¹⁰, os protagonistas desta etnografia, que devido à intensidade e densidade do diálogo, tive o privilégio de estabelecer uma relação bastante próxima ao longo do tempo da pesquisa.

Conheci Oscar em 2003. Vínculos familiares nos aproximam. Este uruguaio, de 55 anos, em 2017, trabalhou na Feira de Tristán Narvaja por um quarto de século, entre seus 20 e 45 anos de idade. Oscar salienta que se tornou feirante, primeiramente por necessidade de ter trabalho e renda, mas que, com o passar do tempo, acabou por adquirir seis postos – motivo de orgulho por ter sido um dos maiores pontos da Feira naquela época. As imagens a seguir fazem parte do seu acervo pessoal e foram comentadas e disponibilizadas por ele em um de nossos encontros.

¹⁰ Os nomes dos interlocutores foram mantidos, porém sem o acréscimo de seus sobrenomes.



Oscar, em seu cotidiano, não é um homem de muitas palavras. Porém, isso muda quando o tema diz respeito à Feira. Nestes momentos, sempre têm muito a falar. Conta com imenso prazer os seus percursos desde o período em que passou a trabalhar na mesma. Apesar de ter se desfeito das bancas, nunca perdeu o contato com ela, pois, atualmente, recorre o local na busca por mercadorias para comercializar via WEB. Com isso, a Feira permanece sendo importante em sua atividade de trabalho e renda, ainda que ele não esteja mais comercializando *in locu*.

Com relação a Daniel, com quem estabeleci fértil diálogo pela internet, antes de atualizar nossas trocas na própria Feira, cabe apresenta-lo, inicialmente como um consumidor, colecionador, apreciador e *flâneur* que percorre regularmente a Feira de Tristán Narvaja, há mais de 20 anos, na busca e encontro com pessoas e com coisas. Assim como Oscar, ele é um exímio conhecedor e narrador deste lugar. Além de protagonistas desta etnografia, ambos foram parceiros de pesquisa que apontaram caminhos determinantes ao seu desenvolvimento e configuração.



Figura 6: Acervo pessoal Daniel

O método etnográfico e sua ênfase nas narrativas sobre a Feira de Tristán Narvaja considera as falas de Oscar e Daniel em diálogo com a bibliografia acessada. Com isso, busco demonstrar a polifonia inerente sobre este lugar, salientando para temas e subtemas que surgiram em inúmeras das nossas conversas ao longo do tempo, considerando e relacionando sua preponderância e recorrência em campo.

Para analisar este *corpus* empírico, recorro a um lastro teórico sobre as especificidades do ato de narrar e de sua importância, considerando que “as narrativas orais faladas ou cantadas e os relatos míticos, ficcionais ou históricos, são bons para pensar, ou seja, formas diferenciadas de as sociedades e culturas humanas fabricarem conhecimento sobre o mundo”. (ROCHA; ECKERT, 2005, p.36).

No decorrer do processo etnográfico, as narrativas tecidas entre nós assumiram a forma de uma partilha de percepções, de representações e de conhecimentos, acompanhada e fortalecida por uma relação de proximidade, que, mesmo passado o tempo do trabalho de campo me possibilita manter contato com eles. Quando nos encontramos ou trocamos mensagem via internet, a Feira de Tristán Narvaja permanece sendo o tema principal, motivo de relembrarmos experiências que nos fazem continuar refletindo sobre este lugar, além de me atualizarem sobre a continuidade de seus percursos e achados.

Assim como Oscar e Daniel trouxeram seus conhecimentos, seus sentimentos e suas percepções sobre a Feira, de minha parte, também busquei compartilhar com eles o que sinto e o que fui escrevendo, incluindo as versões prévias desta etnografia. Deste modo dialógico, inúmeras reflexões compartilhadas foram surgindo e apontaram os rumos que o trabalho deveria e poderia tomar. A noção de Feira dos *mundos paralelos* aponta para elementos que chamam a atenção nesse contexto. A prática de percursos pelo espaço da Feira estendeu-se às narrativas, possibilitando que as inúmeras conversas sobre este lugar construíssem uma perspectiva pautada nas vivências e na familiaridade com o espaço, enfatizando a sua importância simbólica.

Neste sentido faço uso da perspectiva de Paul Ricoeur expressa no texto *Arquitetura e narrativa* (1998), que aconselha a sermos *flâneurs* dos lugares da memória, salientando a passagem da memória à narrativa, em um cruzamento entre espaço e tempo através do construir e do contar. Ricoeur salienta neste texto, três estágios da narrativa: *prefiguração* que diz respeito aos encontros e conversas, ou seja, *uma narrativa engajada na vida cotidiana*, a *configuração* a narrativa construída e a *refiguração* que se estende a leitura e releitura.

As narrativas dos interlocutores estão, em grande medida, pautadas pela disciplina do olhar e dos sentimentos em torno do encontro com as coisas de segunda mão e suas origens diversificadas. Tais coisas surgem e desaparecem na Feira, devido a sua especificidade e quantidade limitada.

É comum cruzarmos, em uma de suas ruas periféricas, com cachivacheros. A busca e a apreciação das mercadorias que eles trazem se mescla com a atmosfera e especificidade que acompanha os encontros, ativando memórias e sentimentos em torno do que se assemelharia a uma “caça ao tesouro”.

A apreciação, expressa nas narrativas, concerne a coisas, consideradas especialmente importantes para os interlocutores, sempre na relação com suas trajetórias de vida e conhecimentos adquiridos sobre as mesmas, assim como, aos momentos de sua busca. Assim, a menção à Feira dos *mundos paralelos* também leva em conta as possibilidades dos encontros que acontecem na Feira de Tristán Narvaja.

Ao compartilhar com Oscar e Daniel, durante todo o processo de pesquisa, os textos que produzia, busquei salientar a importância das suas percepções e a

correlação das mesmas com as experiências, as observações, os diálogos, as produções imagéticas e bibliográficas consultadas e produzidas sobre a Feira. Com isso, mantivemo-nos em constante processo de trocas sobre o que produzi. Tal fato permitiu incorporar suas sugestões, assim como, foram fonte de constante estímulo e tomada de atenção e decisão sobre o que não deveria ficar de fora. Esta prática permitiu um diálogo contínuo ao longo de todo o processo de pesquisa, onde fui profundamente afetada.

Sentimentos, atitudes e práticas que extrapolam o domínio da consciência, fizeram-me pensar, em muitos momentos, sobre os aspectos e implicações desta relação de sentir-me afetada, tal como pontuado por Jeanne Favret-Saada (2005), ao investigar a bruxaria na França. Assumir e explorar o grau de envolvimento que estabeleci com o tema, me fez sentir a narrativa como experiência, percebendo que, “narrar é a arte de intercambiar experiências”. (BENJAMIN, 1987, p. 198.). A construção desta relação de pesquisa esteve permeada pela noção de sinceridade, entendida como,

Uma forma de não essencializar o que é real do não real, revelando, portanto, uma outra dimensão do problema. Rouch, usa esta conceituação de ‘sinceridade’ a partir da mesma concepção de ultrapassar os planos do que seria ficção ou realidade. Assim, *sinceridade* aponta para a dimensão do vivido, da experiência que se transmuta em imaginação de uma relação vivida. (GONÇALVES, 2007, p.112).

Partindo dos pressupostos de James Clifford em torno do que chamou de etnografia como colagem¹¹, apresento os depoimentos a seguir, buscando com isso, a construção de uma constelação entre diferentes e complementares narrativas em um encontro entre tempos e percepções. Assim, criam-se pontes entre o passado e sua configuração, via experiência, no presente. Como indicam Cornélia Eckert e Ana Luíza Carvalho da Rocha (2005. p.30): “a história de cada indivíduo na cidade é a história das situações que ele enfrentou em seus territórios, e é a ação desse sujeito nesses espaços que faz de um episódio banal uma situação, para ele, de reinvenção de suas tradições”. Assim, é possível atribuir à ambiguidade da palavra, a dupla função de mascarar a realidade, e, ao mesmo tempo, de revelá-la. (BOLLE, 2000).

¹¹ “La etnografía como collage dejaría manifiestos los procedimientos constructivistas del conocimiento etnográficos; sería un montaje que contiene voces distintas de la del etnógrafo”. (CLIFFORD, 1995, p.180).

Nas conversas que tive com Oscar, em mais de uma vez ele mencionou o fato de que seu trabalho na Feira possibilitou aquisições importantes em termos materiais, assim como, algumas viagens a lazer. Nesses momentos, conversávamos sobre o fato da Feira de Tristán Narvaja ser fonte de trabalho rentável para muitos dos feirantes que nela atuam.

Uma das conversas mais demoradas que tive com Oscar ocorreu em dezembro de 2015, quando me recebeu na sua casa. Estava ali para escutar *tudo* o que ele teria a me dizer e ensinar sobre suas experiências, já que me ouvira tantas vezes falar com entusiasmo da Feira. Estávamos felizes com a possibilidade de sentarmos e falarmos demoradamente sobre ela, dando início à pesquisa.

Oscar definiu que nossa conversa iria ocorrer no espaço externo da casa, onde está instalada a churrasqueira¹², para garantir que nada poderia nos atrapalhar. Lembro-me da primeira coisa que disse quando sentamos frente a frente: que eu pegasse meu caderno de notas e fosse anotando o que iria me falar. Atendi a seu pedido prontamente, com cuidado para manter um ritmo de escrita que atrapalhasse o mínimo possível seu relato, permeado por pausas para que pudesse escrever.

O Uruguai é um país de gente estrangeira, sobretudo, espanhóis e italianos, e, quando vieram para cá, trouxeram seus pertences e a história dos países que viveram na bagagem: documentos, fotos, coisas da 1º e 2º guerras mundiais... eu encontrei algumas. (Oscar, 9/12/2016).

Estava ansiosa e feliz sobre o modo como as coisas começavam bem. Oscar demonstrou nesse dia, e em tantos outros, ser um exímio narrador, de acordo com as características que Benjamin considerava essenciais para tanto (BENJAMIN, 1987). Entre elas, a certeza da utilidade para o ouvinte sobre aquilo que conta: “o senso prático é uma característica de muitos narradores [...] no sentido de informar [...] isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente uma dimensão utilitária”. (BENJAMIN, 1987, p. 200). Dessa forma, “o narrador retira da experiência que ele conta sua própria experiência ou a narrada pelos outros”. (BENJAMIN, 1987, p. 201).

¹² Trata-se do local utilizado de maneira extensiva em todo o Uruguai onde são preparadas carnes assadas na brasa, sobre um sistema de grelhas móveis, também conhecido por *parrilla*.

Nossa interlocução transcorreu com poucas perguntas da minha parte. Sua fala foi pontuada por temas e subtemas, sobre os quais havia refletido muitas vezes, e agora passava a compartilhar comigo, na clara intenção de que os mesmos fossem esclarecedores e trouxessem possibilidades para pensarmos sobre a Feira.

Oscar é extremamente performático enquanto fala, por vezes pedia que eu parasse de anotar e olhasse para ele. Então se levantava, abria os braços, pegava um papel e o dobrava para melhor explicar algo, dando também forma a sua fala. Fumando seus cigarros, utilizava dos objetos ao redor: cinzeiro, carteira de cigarros, isqueiro, para ir desenhando no ar sua narrativa. O espaço em que estávamos, além de comportar a tradicional churrasqueira uruguaia, possuía uma mesa comprida, cadeiras espalhadas e muitos objetos – cacarecos variados – os quais ficavam atraindo meu olhar e me fazendo pensar sobre quais deles estariam à venda, qual origem teriam e como teriam sido encontrados.

Oscar sabia que entre as questões que me interessavam, sobre as quais muitas vezes conversamos, estava a potencialidade que a Feira de Tristán Narvaja tem de produzir e de articular inúmeros encontros entre coisas e pessoas.

No que diz respeito a minha interação com Daniel, a mesma, se pautou na relevância e nos significados que ele atribuiu a Feira de Tristán Narvaja na correlação com suas vivências e suas práticas enquanto um colecionador que produziu memórias e conhecimentos importantes sobre a Feira e o espaço que essa passou a ocupar na sua vida.

*Bueno, me preguntas sobre mis vivencias, sensaciones y experiencias en la feria. bueno, siempre lo viví como **mundos paralelos**, aquél donde se encuentran las cosas imposibles. Comencé hace 22 años, acompañando a mi padre, otro gran fanático.* (Daniel, 8/4/2016).

Daniel trouxe nesse momento, a alusão à *mundos paralelos* para falar sobre as particularidades e multiplicidade presentes na Feira de Tristán Narvaja. Já para Oscar, a expressão que sintetiza seu olhar e experiência na Feira, é a comparação desta com um museu. Para ambos a noção de *mundos paralelos* remete ao fato de a Feira agenciar o encontro de coisas provenientes de diferentes horizontes, contextos e temporalidades, promovendo um encontro inusitado e anacrônico entre elas. Convergindo para um mesmo espaço e atividade de trocas comerciais, as

diferentes e (in)coerentes coisas expostas na Feira articulam significados e instauram uma comunicação, parecendo estarem à espera de seus admiradores. A ideia de Feira dos *mundos paralelos*, comporta a possibilidade da utilização de alegorias para falar das experiências e percepções produzidas. Englobando também, a analogia com um *museu ao ar livre*:

A feira de Tristán Narvaja é um museu ao ar livre, o maior do país, não existe o que não se encontre nela: artes, ofícios, costumes, épocas. A arte esta em todos os lados... arte de ganhar... tudo é arte, depende de quem vê... de arrumar uma mesa, de atender os clientes, de ser agradável ou uma besta peluda¹³. (Oscar, 9/12/ 2016).

A representação da Feira de Tristán Narvaja enquanto um *museu ao ar livre* encontra respaldo na realidade, a partir da constituição do Primeiro Museu Vivo de Rádio e Comunicações do Uruguai Gen. José Artigas, cujo acervo era proveniente das mercadorias comercializadas na Feira de Tristán Narvaja.



Figura 7: Imagem ilustrativa do museu. .

En dos décadas, un homónimo uruguayo de Antonio Tormo logró formar el Museo Viviente de las Comunicaciones con raro material adquirido casi todo en Tristán Narvaja. (<<http://www.radiomuseo.org/comonacio.htm>>).

Atualmente, o museu não se encontra mais em funcionamento, porém sua existência fornece a ideia da quantidade e especificidade de coisas consideradas históricas e que se encontram disponíveis na Feira.

Para Oscar e Daniel, a Feira, é a possibilidade de concretização de desejos, já que encontramos nesse lugar com coisas raras, desejadas, buscadas e

¹³ As falas de Oscar se encontram transcritas em Português, visto que, derivam das anotações de meu diário de campo.

inusitadas, a valores extremamente acessíveis, responsáveis pelas histórias do que se adquire “por uma verdadeira pechincha”.

Em uma de nossas conversas, Daniel me aconselhou: “Pensa a Feira como um local de reconstrução, a antítese do sistema de consumo”. Essa percepção permite refletir sobre as coisas comercializadas e seus valores, extremamente flutuantes e destoantes, requerendo de feirantes, astúcia e conhecimento na arte da negociação, e, por outro lado, da parte de consumidores, admiradores das coisas vendidas, a disposição para pechinchar e, preferencialmente, o conhecimento prévio sobre o que buscam.

A pechincha, ou barganha, como também é denominada, é recorrente na Feira de Tristán Narvaja. Segundo Rosana Pinheiro Machado, “a barganha é uma forma de negociação presente em diversas feiras e mercados do mundo, que se mantém com o passar dos séculos”. (2013, p.111). A autora salienta alguns aspectos necessários para que tal negociação aconteça: “para que ela ocorra, é necessário que haja (a) mais de um vendedor oferecendo o mesmo produto; (b) um reconhecimento de que o preço é fluido e (c) uma interação face a face entre comerciante e vendedor.” (PINHEIRO MACHADO, 2013, p.111.). Porém, em Tristán Narvaja, a barganha independe da existência de um mesmo produto sendo oferecido por mais de um vendedor, visto que o inusitado e a sorte fazem parte do ato de compra e venda no encontro com/entre os *mundos paralelos* da Feira.

Tal perspectiva significou a necessidade de estar atenta às relações vindas à tona no espaço da Feira e do encontro entre uma grande quantidade de consumidores provenientes das mais diferentes classes sociais, com trabalhadores diversificados. Neste sentido, tanto Oscar como Daniel se valem da metáfora do “termômetro” para aludir ao fato de que a Feira é capaz de captar e mensurar a “temperatura” das relações sociais, políticas e econômicas da cidade e do país.

Segundo Oscar, a Feira,

É um termômetro da economia nacional, mas contraditório, um liquidificador na feira, se a economia vai bem, não vende. Um exemplo, entre tantos outros. Já se a economia vai mal, vende o liquidificador. Se vende coisas não necessárias, é o inverso. Se a economia vai bem, vende coisas não necessárias”. (Oscar, 9/12/2016).

Daniel, por sua vez, também compreende a maior ou menor intensidade de trocas na Feira como um “termômetro”, que se estende ao estado social e econômico do país.

Yo puedo aportarte visiones subjetivas como coleccionista, o comprador habitual y de mis experiencias. Desde este punto de vista, la Feria es un buen termómetro del estado social y económico del país. en épocas de crisis se la ve crecer inmensamente tomando calles laterales, aparecen las cosas más inverosímiles. En épocas de bonanza la feria se contrae hasta los habituales feriantes, con algún que otro agregado. (Daniel, 10/6/2016).

Assim os valores monetários pelos quais podemos trocar a realização de desejos, expressos nos achados de coisas que se busca, como colecionador ou apreciador, faz que seus consumidores mais experientes consigam olhar e enxergar aquilo que, para muitos, passará despercebido.

A feira é uma mina de ouro, para quem sabe voltar com dinheiro dela, comprando coisas que a maioria não vê... É a cultura de saber de tudo um pouco... Se tira muito dinheiro caminhando na feira. (Oscar, 9/12/2016).

Perceber e encontrar o que a maioria não vê é indissociável do prazer e da disposição para percorrer suas inúmeras quadras sem pressa e com atenção, munido da certeza, de que a maioria dos seus “tesouros” se encontra na chamada *periferia* da feira.

La periferia es el miembro mutante de la Feria. Crece, se encoge, se echa a perder hacia los extremos y allí aumenta también su peligrosidad. Los márgenes se solazan en su propia marginalidad. Imperio de la mosqueta, el arrebatado, la estafa, pero también del hallazgo valioso. No se encontrarán tesoros en el centro. Los tesoros, verdaderos y falsos, están en los márgenes, si también entendemos como tesoro el filtro de la aspiradora vieja o el aspa del ventilador hace tantos años roto. (SANTACREU, 2009, p.25-26).

A forte marca e característica da Feira é ser lugar de encontros entre *flâneurs*, colecionadores, apreciadores, coisas e situações. Muitos dos meus diálogos com Oscar e Daniel giraram em torno desta perspectiva, associada às suas narrativas que mencionam a figura dos *cachivacheros* e sua importância. A Feira, enquanto atividade, espaço existencial e evento cíclico semanal é ponto encontro, convergência e conexão entre *mundos paralelos*. Assim, é no contato e a aptidão quase arqueológica desses personagens, denominados como *cachivacheros*, para a

busca e o encontro, que suas localizações, ausências, presença e a relação com as mercadorias, tecem o fio condutor que permite pensar sobre a noção de *mundos paralelos*. Sendo eles que trazem, a cada domingo, as “novidades” de “vários mundos” (várias origens), em composições insólitas e significativas para pensar este lugar.

Tudo termina na feira... quando digo isso, todo o artigo termina na feira, quando tiram do lixo e põem lá, quando alguém morre e não se tem apreço por obra de arte, roupa... são mais do que antiguidades, são coisas únicas. (Oscar, 9/12/2016).

Tive contato, ao longo do tempo, com coisas únicas que são comercializadas na Feira de Tristán Narvaja: um único vestido de noivas exposto em cima de um pano vermelho, como único item a venda por seu feirante, fotografias em preto e branco de pessoas desconhecidas, diários, cartas, cartões postais amarelados pelo tempo, animais embalsamados, entre outras. Assim como Oscar e Daniel, apreciei realizar inúmeros percursos e perceber a comunicação que muitas destas coisas estabelecem com as memórias e expectativas dos consumidores.

Muitas das coisas de segunda mão, vistas durante meus percursos pela Feira, não voltaram a aparecer uma segunda vez, já que são também comercializadas por *cachivacheros*, e como tais, são flutuantes e inconstantes na Feira - tanto quanto, as coisas por eles comercializadas.

Em inúmeras calçadas da Feira é possível visualizar as coisas trazidas e expostas, por tais feirantes, que organizam as mesmas, em virtude deste momento único, em que determinadas peças podem vir a dialogar entre si apenas uma única vez.

Foi Daniel quem me explicou o que significa ser um *cachivachero*.

Los cachivacheros, de cachivaches (cosas sin valor a granel) no son los que se dedican a las antigüedades, sino aquéllos que exponen y venden lo que consiguen durante la semana. En esos puestos puedes ver frenos de bicicleta, algún libro, autitos de colección de varias procedencias, tazas, bolitas, y un largo etc. Son los más interesantes de recorrer, donde muchas veces encontrase los verdaderos tesoros a un precio razonable, pero dependes de tus conocimientos y relajeo con os diferentes vendedores. (Daniel 30/4/2016).

Daniel atribui aos *cachivacheros* papel fundamental na promoção dos encontros, tanto com as coisas que chegam a cada novo domingo através destes, como com a possibilidade de através delas, estabelecermos contato com o

aguardado, mas também inusitado. Sobre tais encontros, a antropóloga uruguaia Sonia Romero Gorski, escreveu,

Recuerdo con claridad que vi, hace no muchos años, una oferta sorprendente. Una cabeza humana con el tratamiento inconfundible de los jibaros reducidos de cabezas. Se exhibía en un estante armado sobre la vereda, pasando la calle Miguelete, casi al final del trazado recto de la Feria. Quién sabe qué itinerarios secretos había seguido para llegar hasta allí. En la actualidad los censores electrónicos en las aduanas desalentarían seguramente semejante tráfico. (GORSKI, 2009. p.36).

É também dentro desse contexto que surge nas minhas conversas com Oscar e Daniel, a menção às lendas urbanas da Feira de Tristán Narvaja, que dizem respeito a histórias sobre os achados de apreciadores, colecionadores e *flâneurs* neste espaço.

Assim, a expressão “lendas urbanas”, é entendida pela perspectiva expressa por Jean-Bruno Renard (2007, p. 98), “lendas urbanas, não porque elas se desenvolvem, necessariamente, no meio urbano, mas para sublinhar que estas lendas tratam da modernidade, de nossas sociedades técnicas e industriais, nas quais a cidade é emblemática”. No contexto da Feira, tais lendas, se referem às possibilidades de encontro com algo desejado e buscado, assim como, com o inusitado, trazendo nos relatos a importância da relação imagética com o espaço e seus pequenos tesouros.

Esos pequeños tesoros pueden ser objetos, obviamente, pero también flashes visuales irrepetibles, olores mezclados, frases rescatadas del bullicio, un vértigo de estímulos encontrados, contradictorios, agradables, molestos, insólitos, frecuentemente demenciales. (SANTACREU, 2009, p.18).

Dentre as lendas urbanas, a mais citada nas conversas com inúmeros frequentadores e em textos sobre a Feira, é do encontro de um desconhecido com um violino *Stradivarius*¹⁴. Também Oscar cita este acontecimento, sobre o qual muitos ouviram falar,

¹⁴ Tal instrumento musical é considerado um dos melhores de todos os tempos e podem chegar a ser negociados por valores considerados estratosféricos. “*Stradivarius* é o nome dado aos instrumentos de corda, principalmente violinos e violoncelos, construídos por membros da família Stradivari [...] estima-se que Stradivari construiu 1116 violinos após 1666, dos quais cerca de 500 estão ainda em circulação”. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Estradiv%C3%A1rio>).

Muitas coisas são lendas urbanas... dizem, por exemplo, que um *Stradivarius* apareceu na feira... Dizem, não posso assegurar, há também a história de que um pedaço que teria sido rasgado da Declaração da Independência dos EUA apareceu em Tristán. (Oscar, 9/12/2016).

O mesmo para Daniel,

Ni hablemos de las leyendas que corren del músico que compró un violín viejo y estropajoso y resultó que era un Stradivarius, o la guitarra que resultó una Fender Strato original. Nunca presencié algo de esto, pero sí me ha sucedido con libros, por ejemplo, la antología documental sobre la Batalla del Río de la Plata por Millington Drake comprado por 2 dólares y que lo he visto a la venta hasta por U\$S 60. (Daniel, 8/4/2016)

A mesma lenda aparece novamente no Catálogo comemorativo aos 100 anos da Feira: “¿Es verdad que alguna vez se encontró un *Stradivarius*? El rumor se repite, pertinaz”. (SANTACREU, 2009, p.26) e Eduardo Roland também a mencionou no seu texto, *Um mercado de pulgas com nome de legislador*.

En materia de historias en las que Tristán Narvaja ha servido como escenario, encontramos muchas anécdotas de dudosa reputación respecto a su veracidad, aunque todas verosímiles, por cierto, y más si hablamos justamente de un espacio en donde lo insólito y lo raro son moneda corriente y parte de su mayor atractivo. ¿Quién no escuchó la historia de ese anónimo buscador de tesoros que compró un polvoriento y desvencijado violín Stradivarius por unos pocos pesos y luego vendió en una increíble suma de dólares? Cuentos como ése, referidos a la esencia comercial de la feria, existen muchos, por supuesto. (ROLAND, 2013, p.1).

Os livreiros com os quais conversei também abordaram as lendas urbanas que circulam na Feira. Tais narrativas demonstram a forte presença desse tema no imaginário de seus frequentadores, parecendo assim, quererem explicar que determinados encontros quase impossíveis, estão justamente falando das possibilidades de aquisição e experimentação do inusitado, do imponderável e do desejado.

Ancorada na cidade e na modernidade, baseada na crença, requerendo igualmente a cumplicidade de um ouvinte, a lenda urbana tem por objetivo explicar o inexplicável e o incompreensível de acordo com o sistema de valores, a época e a visão de mundo da comunidade na qual ela se inscreve. (DION, 2008. pp. 3-4).

Entre os livreiros, existem especificidades literárias em relação às lendas. Uma destas gira em torno do aparecimento de um livro de Jorge Luis Borges, em sua primeira edição, e que teria sido vendido por uma pechincha, demonstrando que

a imensa oferta de livros usados à venda, não torna impossível ao buscador atento, a descoberta de obras consideradas raras.

La cuadra de los bibliófilos está en la calle Paysandú, donde ésta corta a Tristán Narvaja. Excepto incunables (¡pero quién sabe!), allí se puede encontrar, si se logra que coincida el momento justo con el lugar indicado, un tesoro de ediciones, sean libros de historia o de literatura, de arte pictórico o fotográfico, o famosas revistas de cómics afanosamente buscadas por coleccionistas fanáticos. (COLMAN, 1998).

Com relação à grande oferta de livros à venda na Feira, com quadras destinadas somente a sua comercialização, Daniel compartilhou seu sentimento:

Mi vicio, mi pasión: LOS LIBROS. ¿En que otro lugar se pueden conseguir tres muy buenos títulos (Los Doce del Patíbulo, Murieron en Salerno y Submarinos de Bolsillo) de una muy buena editorial en una muy buena colección (Bruguera Libro Amigo) a solamente \$60 uruguayos, aproximadamente U\$S 1,87?. (Daniel, 8/5/2016).



Figura 8: Imagem de autoria de Daniel.

Algumas das pessoas que encontrei e com quem conversei no decorrer do tempo, me relataram, assim como Daniel e Oscar, alguma história pessoal, que os incluía como protagonistas em torno dos “tesouros” encontrados:

Recuerdo la vez que en una parte donde había cachivaches (cosas rotas y/o sin valor) encontré un puesto que exhibía varias maquetas sin armar en sus cajas originales y varios muy buenos libros de aviación. Total que compré todo el lote (4 maquetas y 3 libros) por menos de lo que me hubiese costado uno solo de esos artículos. Además había una caja grande con maquetas desde muy dañadas a sin daños pero en bolsa, sin caja, que fueron para el club de maquetistas a que pertenezco. (Daniel, 8/4/2016).

Oscar também narra seu encontro na Feira com inúmeras coisas, para ele, valiosas, dentre as quais, louças, câmeras fotográficas, moedas, discos, rolos de filme, selos, etc. Mencionando que já teve em suas mãos moedas que datariam de séculos passados, espadas e aparelhos de louça com mais de 200 anos. Nas inúmeras vezes que isso aconteceu, mencionou que em muitas, se perguntava sobre os lugares por que passaram, os trajetos que teriam feito, com quem teriam se relacionado, salientando que, ao tocar em algumas peças, quase conseguia sentir suas histórias. Entre os principais responsáveis por essa circulação de coisas que se configuram em “tesouros”, estão como já mencionado os *cachivacheros* ou *perifeirantes*.

2.2 Cachivacheros ou perifeirantes

A Feira de Tristán Narvaja é, de maneira importante, local de trabalho que abarca uma heterogeneidade de coisas vendidas. Sendo de dentro deste universo de trabalho muitas vezes precário e eventual que emergem muitos dos feirantes denominados como *cachivacheros* ou *perifeirantes*, que surgem em meio a outros tipos de personagens.

Uma pessoa que não é nada, em uma feira, é um feirante, como os demais... Também tem muitas viúvas que a aposentadoria não dá... vão e vendem desde comestíveis até ofícios como o crochê... e uma vez que morrem... vai desaparecendo esses ofícios... Também se vendem coisas roubadas, tem os jogos e os enganos; tem muitos tipos de pessoas na feira: os ladrões, os que alugam as mesas, os que alugam as barracas, os que prestam serviço de carregadores, os que vendem café, os que vendem biscoitos para os vendedores – esses vivem da feira e trabalham para o feirante, não com o público. (Oscar, 9/12/2016).

Os *cachivacheros* se encontram em muitas das feiras espalhadas pela cidade de Montevideo, intensificando a sua presença nos momentos de crise econômica e/ou de desemprego. Muitos destes vendedores, somente se estabelecem por

períodos breves nas feiras. Na medida em que voltam ao mercado de trabalho regular deixam em segundo plano a atividade de feirantes.

Apesar da sazonalidade, que vai determinar a maior ou menor quantidade destes vendedores, os mesmos são reconhecidos por serem os que proporcionam as melhores surpresas e os mais inusitados encontros através das coisas que trazem para comercializar na Feira de Tristán Narvaja. Tal fato torna a Feira especial para muitos que a percorrem na intenção do encontro com as surpresas mais improváveis que esses possam vir a trazer.

Prefiero los "cachivacheros" (como los llamo) por la sorpresa y la aventura vendedores circulantes, son los informales de la feria, mucha de la mercadería incluso la juntan en lo que la gente tira. No se dedican a algo, simplemente juntan cosas que piensan pueden vender. Son los que ofrecen la variedad, sin ellos no pasaría de ser una feria más. (Daniel, 3/7/2016).

Estes trabalhadores fazem parte dessa constelação dialética pela qual a Feira pode ser pensada. Os *cachivacheros* seriam muito próximos aos *trapeiros*, figura do *coletor* desenvolvida por Walter Benjamin enquanto “homem que tem que recolher na capital o lixo do dia que passou. Tudo que a grande cidade jogou fora, tudo que ela perdeu, tudo que desprezou e esmagou ele registra e coleciona”. (BOLLE, 2000. p. 83).

O maior ou menor número de *cachivacheros* nas ruas da Feira também denota as condições de desemprego e precariedade material de muitos desses vendedores, que, às vezes, levam para vender coisas aparentemente impensáveis, mas sobre as quais sabem podem vir a interessar colecionadores e apreciadores.

Daniel produziu algumas fotografias em que vemos a organização e variedade de mercadorias oferecidas por esses feirantes nos domingos.

Aparecen muchísimas cosas raras, extrañas, en sitios inverosímiles. aparentemente venidas de otros mundos. Normalmente no las fotografío, pero si quieres lo hago y te envío el material con una explicación de lo que es para que lo agregues libremente a tu trabajo. (Daniel, 30/4/2016).

Daniel comentou as fotografias que produziu, trazendo sua percepção sobre tais coisas e seus trabalhadores, a seguir seguem algumas destas,

“Las dos primeras son de los "cachivacheros" Si las agrandas verás el reloj cucú alemán (dicen), herramientas, piezas de bronce, cubiertos, autitos de colección”. (Daniel, 8/5/2016).



Esta caja de Ma Roseraie es un juguete francés, de 1949, para niñas, para hacer flores. Cosas así me hacen ver la feria como una intersección de mundos: el pasado se manifiesta y se mantiene vigente. También me hacen imaginar como sería ser un niño en aquellos años, en el mundo de la inmediata posguerra. Esto es lo que tiene la feria, una especie de navegación entre mundos ya desaparecidos buscando siempre la sorpresa del descubrimiento. (Daniel, 8/5/2016).



He aquí otro cachivachero, donde conviven todo tipo de objetos, quizás haciendo referencia al tango Cambalache, en estos puestos y quizás en toda la feria "se mezclan la Biblia y el calefón". Al fondo ves un aparato de teléfono también de mis años de infancia. (Daniel, 8/5/2016).



He aquí algo verdaderamente inusual en la feria: un microscopio alemán con un juego de 8 lentes, en su caja original. A mí que me encantan los microscopios y balanzas de precisión, si hubiese tenido la plata (y luego de revisarlo bien) me lo hubiese comprado. (Daniel, 25/8/2016).



Menciono com Oscar, a atração que exerce sobre seus apreciadores, o modo como os *cachivacheros* compõem as mercadorias nas bancas e sobre panos estendidos no chão¹⁵. As diferentes e inusitadas composições entre mercadorias, produtoras de uma “navegación entre mundos ya desaparecidos”, como mencionou Daniel, anunciam seus usos, seus tempos e suas aproximações improváveis, mas, também, dizem respeito a uma estratégia de venda, que busca sempre que possível, chamar a atenção. A antropóloga Paola Peciar (2014), aponta para esse fato se referindo a outra feira tradicional da cidade, que ocorre na chamada Praça da Matriz. “Outro aspecto que caracteriza a Feira é que esteticamente ela parece não possuir, como aparentam outras feiras, uma organização ‘lógica’ da disposição dos objetos”. (PECIAR, 2014, p. 32). A autora salienta ainda que, “as bancas são montadas de acordo com a criatividade de cada feirante e dos recursos materiais que possa possuir”. (PECIAR, 2014, p. 32).

Porém, para Oscar é justamente essa não organização lógica a responsável pelo sucesso de muitas das vendas realizadas, e que se reproduzem, para além da Feira de Tristán Narvaja, também na cidade como um todo, e principalmente, nos panos estendidos pelo chão de *cachivacheros*,

O segredo da venda é a bagunça, a mistura faz com que a venda seja melhor, engancha a pessoa com um objeto, mas em geral ela compra outro... tem coisas que não são convenientes de serem vendidas, pois são de enganchar. (Oscar, 9/12/2016).

María José Santacreu faz menção a essa característica enfatizando-a no seguinte diálogo entre um possível comprador e feirante:

Un hombre tiene un modesto puesto. Vende objetos de diversa índole, prolijamente colocados sobre un paño en el piso. A su derecha, una inmensa cabeza de jabalí embalsamada.
“¿Cuánto?”, pregunta un hombre. ‘A no, eso no lo vendo. No sabe lo que me costó que se quedara así de quieto...’ (SANTACREU, 2009. p. 24).

¹⁵ Segundo Rosana Pinheiro Machado, “a montagem de uma banca aproxima-se ao trabalho de um bricoleur: aquele que utiliza recursos limitados (o que dispõe à mão), não possui um projeto de sua obra, mas pode alcançar resultados brilhantes (Lévi- Strauss, 1977)”. Segundo a autora, “o resultado final é uma harmonia de cores e formas obtidas através de um saber prático. Uma banca bem montada é motivo de orgulho e exibição por parte de seu dono, e isso parece ser um traço comum a demais mercadorias populares”. (MACHADO, 2013, p.113).

2. 3 Personagens de Tristán Narvaja

Para Oscar, apesar de todas as especificidades salientadas até aqui, a Feira é também espaço de lazer, que congrega além das suas mercadorias, os artistas de rua e personagens da cidade que a frequentaram no passado com regularidade, assim como, continuam surgindo pela cidade e tem as Feiras como lugar de passagem,

Basicamente, a feira é algo humano, as pessoas vão à feira porque a desfrutam e a sentem... e assim também pessoas famosas, os artistas são comuns, os daqui e os estrangeiros. (Oscar, 9/12/2016).

Eduardo Roland (2013) menciona esta ambiência: *“Volviendo al bullicio dominical de la calle, los transeúntes que pasan a metros del oculto y silencioso escenario en el que alguna vez cantó Carlos Gardel”* (ROLAND, 2013, p.1), e a estende para não tão famosos,

La visión que quien escribe tuvo de la esquina que forman Tristán Narvaja y Paysandú el último domingo del mes de enero puede servir como una postal de la conjunción de lo insólito: sentados entre los cajones de la frutería de la ochava Noreste, un guitarrista rubio, de ojos celestes, tocaba fluidamente una bossa nova, acompañado por un percusionista negro que manejaba con destreza un ‘pandeiro’, mientras eran escuchados, filmados y fotografiados por algunos turistas.



Figura 9: El Día 27/11/1977.

Oscar, por mais de uma vez, me contou sobre a uma festa, que ocorreu na Feira, com a presença de Rosa Luna:

Foi para um feirante que estava também comemorando trinta anos de feira. Tinha Whisky, garçom e música a cargo de Rosa Luna.¹⁶ (Oscar, 9/12/2016).



Figura 10: Imagem acervo pessoal Oscar.

Dentre outros personagens que compõem a paisagem da Feira, Oscar indica sobre suas atuações também pela cidade de Montevideo: “[...] o afiador de facas e outros eram e são personagens da cidade e da feira. Os que são algo e os que não são nada, mas todos são conhecidos” (Oscar, 9/12/2016).

Eduardo Roland (2013) faz menção a uma personagem que circulou, em inúmeros momentos do passado pela Feira de Tristán Narvaja.

¹⁶ Importante figura do *Candombe* e carnaval uruguaio foi reconhecida ainda em vida internacionalmente, faleceu em 1993.

Para ilustrar al lector sobre los personajes populares más notorios que supieron darle colorido a la feria, debemos comenzar por una mujer y remontarnos a los años veinte; e trata de Alcira Velazco, a quien todos llamaban 'La cotorrita del Cordón' por vestirse totalmente de verde, incluyendo el sombrero y la sombrilla que en ocasiones portaba. Hija de un juez penal, detrás de su excentricismo se ocultaba una tragedia sentimental, tan profunda que la había hecho extraviarse de lo que llamamos normalidad. Se cuenta que era inmune a las burlas que los feriantes le gastaban por su ridícula indumentaria, y que casi siempre les respondía con una amable sonrisa. (ROLAND, 2013, p.1).

Oscar lembrou ainda de *Fosforito*, personagem conhecido na Feira, e sobre o qual Alfredo Vivalda (1996) também fez menção:

El hombre-sandwich que haciendo sonar unas castañuelas de hueso pretendía pasar como un émulo de Chaplin, al tiempo que se ganaban jornal con la publicidad que portaba y por algunos volantes que repartía. 'Fosforito', que en realidad se llamaba Juan Antonio Rezzano, había comenzado adolescente a ser un Charlot callejero durante el Campeonato Mundial de Fútbol de 1930 tomando como motivo el publicitar una mueblería de la calle Sierra, la actual Av. Fernández Crespo, logrando una simpatía popular de tal magnitud que mantuvo a su personaje con variada vida callejera, casi hasta que su creador cumpliera los ochenta años de existencia. (VIVALDA, 1996, p. 47).

Percebe-se, como a Feira é o espaço de lazer, trabalho e trocas, sendo importante atentar à rede de relações que a promove, com regras próprias e uma concepção estética que salienta o que se compreende por cultura popular.

Segundo Magnani, é importante compreender as “[...] formas de entretenimento na forma em que se apresentam hoje, pois a cultura, mais que uma soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado”. (MAGNANI, 1984, p.18-19).

Assim, a Feira traduz a ideia de bricolagem da cultura popular, produzindo significados que geram efeitos, alterando a paisagem e a rotina do lugar, devendo-se estar atento para a importância de observar onde o discurso é produzido, como ele é recebido e o espaço social em que circula, de modo que não só tenha sentido, mas faça sentido. (MAGNANI, 1984, p.53).

Isso significa dizer que as narrativas devem ser tratadas enquanto representativas de práticas e experiências dos sujeitos no contato com a Feira, porém encontrando, nas suas vidas na cidade, conformações e complementaridades.

Finalizo este segundo capítulo, atentando para alguns personagens da Feira de Tristán Narvaja, conhecidos e desconhecidos, que compõem seu presente e outros de seu passado. Estes estão na Feira e na cidade, estão nas ruas, tipos “famosos”. Ao mesmo tempo, busquei situar o leitor na Feira de Tristán Narvaja e na etnografia, problematizando a noção de *mundos paralelos* e sua relação com a problemática da pesquisa.

3 FEIRA E IMAGENS



No capítulo precedente, apresentei a Feira de Tristán Narvaja como lugar de convergência de coisas e pessoas, e ainda a percepção que meus interlocutores me transmitiram de que ela promove o encontro de *mundos paralelos*. Muitos destes encontros aconteceram uma única vez. A fotografia contribuiu para instaurar uma ligação, mesmo que situacional, a estas configurações, expressando o que, a partir das imagens, deixa de ser transitório. Assim, “as imagens são ideias, e neste sentido a organização destas se traduz um pensamento em se fazendo”. (PIAULT, 2000, p.162).

A fotografia aqui privilegia o que instigou o olhar. As imagens buscam pensar sobre as diferentes composições que fizeram refletir, sentir e perceber, de modo a que as memórias sobre o tempo da pesquisa encontrem um *lugar* de onde possam ser acessadas e constantemente repensadas, de acordo com as novas constelações que possam promover.

A Feira, assim como a cidade, é espaço de experiências compartilhadas que (re)organizam e (re)produzem memórias, que podem, reagir ao caos e o transformar em busca e em encontro. Desta forma, “conhecer uma cidade é, assim, apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, dos saberes e fazeres dos habitantes em suas experiências e práticas cotidianas”. (ROCHA & ECKERT, 2013, p.22).

A ideia de que a Feira pode ser compreendida como um *lugar de memória* é assim possível, na medida em que os mesmos, “só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações”. (NORA, 1993, p.22.). A ideia de que, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem” (NORA, 1993, p.9), foi sentida em diferentes momentos de meus percursos e estão presentes nas imagens que cobrem este capítulo.

Ao longo de mais uma década de idas e vindas a Montevideo, busquei estar atenta às similitudes e diferenças culturais desta cidade em relação ao Brasil. Procurei com isso estar na Feira e na cidade, que em alguns momentos acenava com a possibilidade de familiaridade, para logo a seguir apresentar estranhamento, o que me permite narrar este espaço levando em conta as falas e situando estas dentro do contexto em que foram expressas, mas também aberta e me permitindo sentir e estar atenta a sua atmosfera.

Segundo James Clifford (1995), “*una práctica etnográfica, por contraste, ataca lo familiar, provocando la irrupción de la alteridad; lo inesperado*”. (CLIFFORD, 1995, p.179.). O autor salienta ainda que este processo é característico da modernidade global em, “*un permanente juego irónico de similitud y diferencia, lo familiar y lo extraño, el aquí y el allá*.” (CLIFFORD, 1995, p.179.).

A partir disto, é possível compreender a Feira de Tristán Narvaja, assim como a cidade, enquanto um *lugar de memória*,

Penso que os *lugares de memória* e os agentes produtores dessas memórias devem ser vistos a partir do vivido, do caráter dinâmico deles. Dito de outra forma: entendo esses *lugares* como aqueles que ocupam posições de centralidade e articulação de sentido nas narrativas dos sujeitos, nos passeios pelas lembranças e esquecimentos, ao quais estruturam as memórias de suas experiências. Nesse sentido, a noção de *lugares de memória* parece-me útil para identificar as marcas que esses sujeitos produziram, individual e coletivamente, em suas trajetórias na configuração do território e na memória da cidade. Dessa forma, compreendo-os como algo que se produz na prática e a partir do olhar, da leitura e dos sentidos atribuídos pelos agentes que com eles e neles se produzem – como *memórias de experiências vividas*. (MANICA, 2015, p.348).

Compreendendo que, “as memórias das experiências vividas constroem e representam territórios percorridos” (SILVA, 2015, p. 348). Assim, este capítulo busca enfatizar a importância dos caminhos percorridos, das sensações produzidas e da elaboração das lembranças. Compreendo as imagens que compõem os conjuntos fotográficos como um texto perpassado por sensações e sentimentos sobre a Feira, revelando que distância não significa necessariamente um distanciamento, mas uma religação com o tema, pautada pela reflexão sobre as memórias produzidas, suas marcas e tentativa de descrição.

3.1 A fotografia como possibilidade narrativa

No espaço da Feira é possível mergulhar em suas caixas ou em alguma conversa; tropeçar, esbarrar, e então saber que parar para olhar é fundamental. Debruçando-me sobre as minhas imagens fotográficas desta Rua e desta Feira de mesmo nome, me sinto menos estrangeira. Flanei por suas ruas, acompanhada de um diário de campo e um *tablet*, com o qual realizei as imagens que compõem este

capítulo¹⁷; reunindo impressões, traços e vestígios que contribuíssem para que sensações e sentimentos seguissem presentes em minha memória, apesar da distância no tempo/espço.

São muitas as pessoas que caminham pela Feira. De repente, é como se um mapa criado por inúmeras pegadas se espalhasse e se mesclasse em memórias que se soltam ao encontro de outras vidas também da minha. Os plátanos se asseguram de deixar a todos acolhidos. Por momentos imagino que eles, as vitrines, as paredes com seus cartazes e escritos, e a arquitetura tecem uma longa conversa, na qual atribuem à Feira a semelhança de um *porto de naufrágios* para coisas que desejam voltar à vida.

Uma poesia perdida dentro de um livro amarelado pelo tempo me falava com nostalgia do que não vivi, sussurrava que o desencontro faz parte. E nesse momento e em outros foi como se uma *milonga* me envolvesse com o espaço e derrubasse sobre mim uma melancolia uruguaia, quase semelhante a saudade brasileira, quase reconfortada esses sentimentos me trouxeram a força e a sutileza da passagem do tempo.

E se todas as imagens fossem uma, e só restasse o velho espelho que reflete os plátanos? Talvez assim, uma calma destituída de todo o cansaço passasse a chamar a atenção para o que fica de tantos percursos.

A Feira expõe e condensa muitas das contradições presentes na cidade. Os diferentes personagens que nela se encontram contam sobre caminhos possíveis. Quando isso ocorre, parecem desenhar parte do rosto contraditório de Montevideo. E como afirmou Walter Benjamin, “nenhum rosto é tão surrealista quanto o rosto verdadeiro de uma cidade”. (BENJAMIN, 1987, p. 26).

A relação da Feira com o Surrealismo está nas percepções, nas sensações e na consequente produção de (in)coerências que podem ser atribuídas ao urbano. A

¹⁷ A falta de equipamentos meus ou disponíveis para empréstimo ao trabalho de campo no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS) do qual faço parte, impossibilitou a utilização de equipamentos adequados para a produção de fotografias. O uso de um *tablet* em lugar de uma câmera fotográfica não impossibilitou a realização de imagens, porém dificultou a obtenção de um material de maior qualidade técnica. A utilização deste equipamento em detrimento da câmera fotográfica causou constrangimentos em muitos momentos. A falta de recursos também inviabilizou a realização de um documentário, que chegou a ser planejado, com a parceria de um dos integrantes do Laboratório.

partir da descrição etnográfica, intenciono produzir esta relação com o Surrealismo, considerando, com Arbex, que,

A cidade, sobretudo a rua, surge também como campo propício para as experiências surrealistas, lugar onde ocorrem os '*faits-glissades*' e os '*faits-précipices*', lugar das coincidências e dos encontros inesperados (...). Os mercados de pulgas, assim como as ruas e as feiras de antiguidades, sempre foram locais de predileção dos surrealistas, devido aos objetos insólitos que lá se encontram. (ARBEX. 1999. p. 84).

Da mesma forma, James Clifford salienta o fascínio dos surrealistas pelas “feiras de pulgas” de Paris:

El mundo de la ciudad para el Payson de Paris de Louis Aragon o para Breton en Nadja era una fuente de lo inesperado y lo significativo; de lo significativo en formas que sugerían, por debajo del insulso disfraz de lo real, la posibilidad de otro mundo más milagroso basado en principios radicalmente diferentes de clasificación y orden. Los surrealistas frecuentaban al Marché aux Puces, el vasto mercado de pulgas de Paris, donde uno podía redescubrir los artefactos de la cultura, mezclados y reordenados. (CLIFFORD, 1995, p. 153).

A descrição de André Breton, em *Nadja* (1987), fornece o sentimento que os mercados de pulgas podem exercer em seus admiradores:

Agora, bem recentemente, indo num domingo, com um amigo, ao ‘mercado de pulgas’ de *Saint-Ouen* vou lá sempre que procuro esses objetos que não se encontram em nenhuma outra parte, ultrapassados, fragmentados, inusáveis, quase incompreensíveis, perversos enfim no sentido que entendo e amo [...]. (BRETON. 1987 p.54-57).

Desde o primeiro momento, percebi na Feira de Tristán Narvaja a profusão de formas expressivas. Mais do que a revelar, estas formas tem o poder de trazer os indícios e a polifonia própria deste território. Assim, desde o primeiro dia em campo, busquei realizar fotografias que me auxiliassem a conhecer, a pensar e a refletir sobre este universo, mas também permitissem compor uma etnografia em imagens e em textos, cada um com suas especificidades, suas potências e suas fragilidades. Junto com José de Souza Martins, acredito que “toda a fotografia contém um ver a mais, já que nenhum fotógrafo mesmo o amador da fotografia ingênua, é passivo copista do que esta fotografando”. (MARTINS. 2011. p. 154). Como bem remarca o autor, “na fotografia há tensões que empurram as imagens para fora dos enquadramentos, propondo sobressignificados ocultos e não intencionais”. (MARTINS, 2011, p. 152).

Assim, a imagem que utilizo para abrir este capítulo é a da estátua de Dante Alighieri¹⁸ vista de dentro da Feira, cujo enquadramento permite imaginar aos seus pés, as flores trazidas pelos feirantes para serem comercializadas nas manhãs de domingo.

A seguir, apresento três ensaios fotográficos produzidos no decorrer do tempo da pesquisa, inseridos logo após as descrições, onde,

Cada detalhe das imagens, associado ao conjunto de dados, é importante para formar o tecido, o texto, o contexto etnográfico [...] as fotos sem serem citadas ou referidas durante o texto, visam fazer da comunicação um fluxo contínuo entre as duas formas de expressão, visual e escrita. (TURRA MAGNI, 1995, p. 143).

Trago assim, a descrição de três momentos que se inter-relacionam: no primeiro descrevo um dos percursos que realizei com Oscar; no segundo, apresento sob a forma de uma cartografia, a relação entre a Rua Tristán Narvaja e a Feira; no terceiro, reflito sobre a possibilidade das imagens se comunicarem através da experiência de um exercício surrealista aliada a escrita etnográfica.

3.2 “Você que sabe por onde quer ir...”: percorrendo a Feira com Oscar

A oportunidade de percorrer a Feira acompanhada por alguém que a vivenciou e a aprecia profundamente me foi concedida por Oscar. Foi em sua companhia que realizei, pela primeira vez, um percurso por mais de quarenta quadras.

Apesar de ele me dizer, “Você que sabe por onde quer ir...”, obviamente, preferi deixar-me levar por seus passos. Assim, enxerguei uma Feira de Tristán Narvaja diferente, por estar na companhia de um conhecedor experiente que guiava meus passos.

Enquanto caminhávamos, observávamos as inúmeras coisas que nos chamavam a atenção de maneira mais intensa, e, ao mesmo tempo, íamos conversando sobre as relações com tudo que até então, ele havia me narrado. Neste dia, assim como, em outros percursos que realizei na Feira utilizei a técnica

¹⁸ Poeta e autor nasceu em maio de 1265, sua principal obra *A Divina Comédia*, é considerada um clássico da literatura mundial, “representa um dos pontos altos da literatura fantástica que une, com vigor admirável, imaginação transbordante e observação realista, a argumentação rigorosa e delírios inesquecíveis”. (SAVATER, 2015, p. 131).

de etnografia de rua, a mesma, “Consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas em que o pesquisador está atento à variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões nos territórios vividos.” (ROCHA & ECKERT, 2013, p.23).

Percebi seu fascínio por coisas inusitadas. Acompanhei sua habilidade de exímio negociador. Caminhamos por quase três horas, a passos lentos. Parávamos e olhávamos tudo que nos fisgava. Muitas das fotografias que fiz durante o percurso partiram de uma observação dialógica, em que, ora eu, ora ele, nos demorávamos um pouco mais sobre alguma banca específica. Neste momento, já havia identificado aspectos importantes para serem contemplados, mas ainda assim, estas imagens me auxiliariam a pensar o campo e o material expositivo da etnografia.

A fotografia feita para contar é aquela que visa especificamente a integrar o discurso, a apresentação das conclusões da pesquisa, somando-se às demais imagens do corpus fotográfico e funcionando, sobretudo na descrição e na interpretação dos fenômenos estudados. É geralmente produzida quando o pesquisador já pode identificar os aspectos marcantes dos fenômenos estudados cujo registro contribui para a apresentação de sua reflexão. Nada impede, porém, que fotografias feitas na primeira fase da pesquisa - a de descobrir- passem por uma releitura e venham a integrar o discurso final nessa categoria. (GURAN, 1997. p.76).

Ao final do percurso, Oscar estava com tantas sacolas e tanto peso, que dividi com ele a sensação de sair da Feira carregada de coisas. Suas compras foram realizadas com o olhar de quem conhece de perto a arte de dobrar o valor pautado na demanda que sabe existir.



Percorri a Feira por ruas diferentes, observei seus vendedores, as pessoas comuns, os artistas de rua e toda a heterogeneidade de mercadorias disponíveis. Ao

afastar-nos da sua principal Rua, aos poucos o ar turístico foi se desfazendo e tornando o percurso tão ou mais interessante.

Ciente da insuficiência das palavras para descrever a profusão de coisas, cores, luzes, pessoas, que dão movimento a este cenário onde se espalha a Feira, recorro à narrativa imagética que segue, visando conduzir o leitor pelo percurso fotoetnográfico ¹⁹ que realizei em diferentes momentos de meu trabalho de campo.

¹⁹ “A *fotoetnografia* pressupõe alguns elementos para a sua constituição, como a utilização de fotografias sem textos explicativos entre as imagens ou o uso de legendas. A narrativa deve ocorrer unicamente pelas imagens que apresentem, em si e entre si, uma construção de sentido”. (BIAZUS, 2006, p.304).





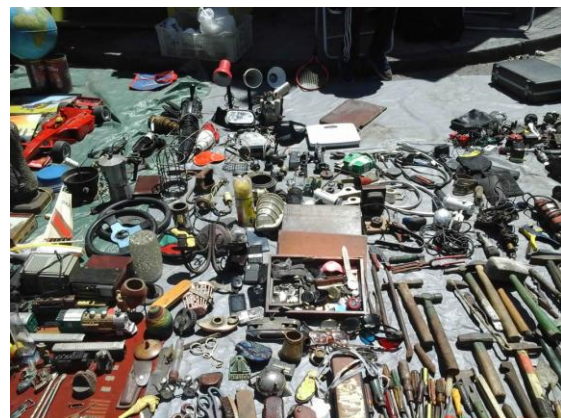














3.3 Feira, Rua e cidade: percorrer para conhecer

Percorrendo a Rua Tristán Narvaja e suas imediações, buscava ler nas vitrines e comércios parte importante desse mútuo contágio entre Rua e Feira. Pensar a cidade pela perspectiva de uma Antropologia Urbana é atentar para as rotinas que tecem seus habitantes no cotidiano de um tempo e espaço que compreende regularidades e rituais urbanos, dentre os quais a Feira de Tristán Narvaja é emblemática. A Feira comporta uma intrínseca relação com a cidade e com a sua principal Rua.

En Montevideo la forma que adoptan las ferias es en calles predefinidas y en días fijos. Están constituidas por puestos que se instalan y levantan cada vez; por vendedores ocasionales que vienen y colocan una tela en el piso para exponer su mercancía; y también por los negocios que se van estableciendo sobre el mismo trazado de la feria. Este es el caso de los anticuarios y librerías que han llegado a conformar una particularidad comercial duradera para la calle Tristán Narvaja. (GORSKI. 2009. p. 33).

Lugar de tempo e memórias sobrepostas extrapola o momento em que a Feira se realiza. Feira, Rua, Bairro e cidade se relacionam e se comunicam. Assim, os comércios que nesta parte da cidade se instalam dialogam, de maneira íntima, com a Feira. Desta forma, busquei estar atenta a uma estética desta Rua, observando com atenção tudo que nela ocorre para além do momento da Feira.

É, portanto, no coração da descontinuidade de tempos e espaços sociais sobrepostos que o antropólogo deve situar-se para melhor compreender o acontecimento ambíguo das experiências cotidianas dos habitantes da cidade, onde se tecem os fenômenos da estética urbana e da memória coletiva. (ROCHA & ECKERT, 2005, p.96).

Foi assim, que em 19 de fevereiro de 2016, uma quarta-feira, me dirigi a Rua Tristán Narvaja, munida do Diário de Campo e do *tablet*, no intuito de percorrê-la, sem o propósito de “representar um objeto”, mas sim de “acompanhar um processo”, como é próprio do método cartográfico (KASTRUP, 2009, p.32), formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). Através dos registros deste mapeamento afetivo, identifiquei espaços comerciais e residenciais que emolduram a Feira, procurando sentir e compreender seus múltiplos detalhes e relações possíveis com as coisas comercializadas no evento dominical que nos atém.

Atenta à arquitetura, percorri as sete quadras da Rua *Tristán Narvaja*, tendo como ponto inicial, a esquina com *Avenida 18 de Julio*, e como ponto final a *Rua La Paz*. Assim, me imbui do preceito de que, “para cartografar é preciso, pois, querer o acontecimento, o lançar dos dados, estar aberto à afirmação do acaso, aquilo que faz problema no mesmo.” (COSTA, ANGELI, FONSECA, 2012, p.46). E desta forma, compreendi a importância de “planejar o acaso experimental, ficcionar o fato, pensar a intuição e atentar ao inconsciente”. (COSTA, ANGELI, FONSECA, 2012, p.47).

Foi também neste dia que encontrei pela primeira vez com a possibilidade de observar a Rua, a partir dos reflexos, que se fazem presentes nas vitrines e unem o exterior ao interior de livrarias e antiquários. Essa experiência fez compreender o que José de Souza Martins (2011) designa como Impressionismo na fotografia em Ciências Sociais, a partir das possibilidades imagéticas do trabalho sobre o reflexo. O autor aborda este aspecto ao mencionar a imagem por ele fotografada que tem como título “Impressão matutina da Ponte Pirapora”. Segundo o pesquisador, a “imagem que via, ali na margem do rio me sugeria imediatamente algo similar, ainda que menos intenso, ao que pode ter sido a emoção visual que motivara a pintura inaugural do Impressionismo”. (MARTINS, 2011, p.149).

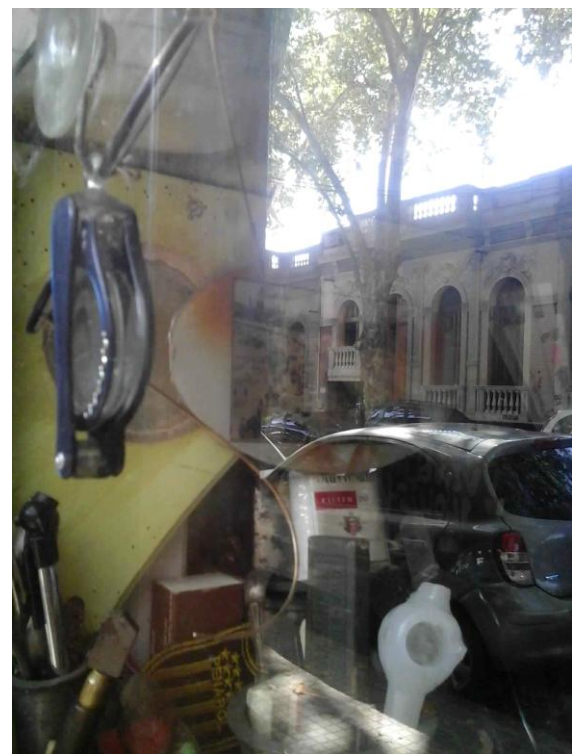
O reflexo revelava na imagem a sua dimensão onírica, oculta no ver cotidiano que escapa do factual e preciso, na imagem forte que se esconde no interior do relance e se propõe como matriz da memória e seu desencontro com o convencional da ‘imagem verdadeira’. (MARTINS. 2011. p.150).

Assim, no ensaio fotográfico que segue, procuro atentar para a arquitetura que emoldura a Feira, enquadrando, sobretudo, as vitrines que cartografei em meu percurso, cujo reflexo estabelece *passagens*²⁰ e porosidades entre interior e o exterior da Rua, o espaço público e o privado, o presente e o passado, o consciente e o inconsciente, o real e o surreal.

²⁰ “Os primeiros esboços, intitulados ‘Passagens Parisienses’, foram redigidos por Benjamin entre 1927 e 1929 [...] A ideia de escrever um trabalho sobre a metrópole moderna sob o enfoque das passagens parisienses lhe veio do Surrealismo”. (BOLLE, 2000, p.50).













Enquanto caminhava, fui me deixando influenciar pelos menores detalhes, expressos nas vitrines, na arquitetura, nos prédios públicos e nos residenciais, assim como, nas inscrições em suas paredes e no encontro com seus comerciantes e com seus moradores. Assim, cartografia, etnografia de rua e observação flutuante se inter-relacionaram neste percurso, na medida em que, ao flunar por sua Rua busquei, “a ativação de uma atenção à espreita - flutuante, concentrada e aberta – [...] ativar esse tipo de atenção significa desativar ou inibir a atenção seletiva, que habitualmente domina nosso funcionamento cognitivo”. (KASTRUP, 2009, p.48).

E assim, atenta para os diferentes comércios e residências, anotando suas localizações e fotografando, investi-me num processo cartográfico, que, conforme Mejía avizinha-se ao método etnográfico:

A etnografia e a cartografia lidam com processos, do mesmo modo que escrever. Esses processos são experimentados pelo cartógrafo ou pelo etnógrafo cada vez que entra em campo. Nessa dimensão, é requerido que se habite um território, que de início não se habita. Etnógrafo e cartógrafo permanecem em contato direto com seus sujeitos de pesquisa e seus territórios existenciais. É nesse âmbito que a cartografia se avizinha da etnografia, uma vez que se vale da observação participante, mas, ao mesmo tempo, do diário de campo. (MEJÍA, 2015, p.91).

Logo no início de minha caminhada, uma senhora me parou e perguntou quem eu era e o que exatamente estava fazendo, já que me encontrava na frente de sua casa fotografando. Expliquei rapidamente sobre a pesquisa e perguntei se ela gostava e frequentava a Feira. A moradora disse que “a feira é impossível”, já que os feirantes ficam em sua porta. O barulho “ensurdecedor” começa “ainda no sábado pela tarde, momento em que as bancas começam a ser montadas, e vai até o fim da Feira, no domingo”. Isso não poderia ser assim, segundo a moradora, pois a Feira apenas seria “permitida” nas duas primeiras quadras da Rua Tristán Narvaja.

A partir dessa breve conversa, percebi algo importante: a Feira incomoda, e nesse caso, talvez, à grande parte dos residentes de suas mais de quarenta quadras.

Assim, foi possível perceber que os vendedores geram incomodo, principalmente pelas características da sua ocupação do espaço, que atrapalha e dificulta trajetos e acessos. Fiquei refletindo sobre alguém que trabalhe durante toda semana, e que tendo apenas o fim de semana para descansar, seja exposto ao intenso barulho e movimento da Feira. Com certeza, pode não ser algo agradável.

Segui caminho, com a sensação de que estava observando, mas, também, e inevitavelmente, sendo observada. Quem eu era afinal, o que fazia, porque estava munida de um bloco de notas e carregava um tablet na mão? Essas eram as perguntas que sentia serem feitas, enquanto me percebia observada durante o percurso, compreendendo e sentindo o que Walter Benjamin atribuiu à dialética da *flanerie*,

Por um lado, o homem que se sente olhado por tudo e por todos, simplesmente o suspeito; por outro, o totalmente insondável, o escondido. Provavelmente é essa dialética que o *homem da multidão* desenvolve. (BENJAMIN, 1987. p.190).

Quando programei este dia, cogitei que minha presença poderia gerar mal-estar e acarretar alguma situação estranha ou desagradável, já que quem olha, anota e fotografa não é imediatamente reconhecido como alguém munido de boas intenções, mas, sim antes, como alguém, no mínimo, enxerido e com interesses não manifestos. Em outras palavras é invasivo, e por isso, havia me programado para realizar esta cartografia em um único dia. Nesta tarde segui, mesmo com uma sensação de desconforto, até o fim do que havia me proposto, afinal, pensava eu, “são apenas sete quadras”.

O que de imediato chama a atenção nas livrarias, são suas vitrines e o fato de serem prédios extremamente estreitos, porém com o comprimento exato para abarcar, em geral, uma quantidade grande de livros.

Com relação aos antiquários, um deles merece destaque, por se diferenciar dos outros. Aparentando ser um pequeno depósito de passados e memórias. Não possui a elegância dos demais. As coisas à venda não aparentam corresponder a verdadeiras antiguidades, mas a “velharias”. Assim, como muitas das que se encontram na Feira. Além disso, não se tem acesso ao interior da loja, ficando-se restrito à porta, o que demanda do cliente que espiche os olhos para ver um pouco melhor as mercadorias. A forma com que as coisas estão acomodadas e a sua quantidade, impede que outra pessoa, além de seu dono, adentre o recinto.

Neste antiquário, as coisas se encontravam penduradas. No chão. Em balcões. Na estreita vitrine lateral, a qual já havia fispado meu olhar em outras oportunidades. Entre as inúmeras coisas interessantes, um brinquedo em especial: uma boneca exposta. Sentado no chão, à frente da porta, um homem acompanhado de inúmeros discos antigos tentava negociá-los com o dono da loja. Este saiu por

um instante de dentro do local. Neste momento, perguntei o preço da boneca. Ele a retirou de dentro da vitrine para que olhasse e tocasse, permanecendo com ela em suas mãos. Disse-me que custava 2.500 *pesos uruguaios*. Que datava dos anos 1950. Mencionou algo sobre o broche que estava preso no seu vestido. Elogiei a boneca por sua beleza. Agradei por sua atenção.

Quando eu fotografava uma das suas antigas casas, com uma grande vitrine que comporta um antiquário, saiu de seu interior supostamente seu dono, que me disse, em tom enfático e com certa agressividade, que eu não podia fotografar. Achei sua abordagem agressiva e com um tom de arrogância, que me incomodaram, afinal sua loja era uma passagem de eventuais turistas e curiosos, que utilizam usualmente câmeras. Questionei o porquê de não poder fotografar a fachada do prédio, e a partir disso, o clima realmente ficou tenso entre nós. Ele retrucou que não podia e pronto. Insisti, e ele, já extremamente irritado, me disse que, no Uruguai e em qualquer parte do mundo é proibido; que era privado; e me perguntou o que faria se alguém tirasse fotos da fachada da minha casa? Respondi que não veria problema, e depois disso, ele saiu profundamente irritado para dentro da loja. Senti-me mal com a situação e com o equívoco de minha reação, já que fui incapaz de explicar quem eu era e o que fazia, como parte de minhas preocupações éticas de pesquisa. Respondi a sua abordagem de uma maneira inadequada e me deixei levar pela impulsividade, assim como, pela nossa mútua antipatia à primeira vista. Se até então eu via a fotografia de pesquisa somente pelas suas potencialidades, essa situação prática de campo me fez pensar nos limites do trabalho com a imagem e no desconforto e desconfiança que pode gerar, principalmente quando acompanhado de uma atitude suspeita como a que eu estava provocando. Com mais calma e distanciamento, refleti sobre como, de fato, eu teria reagido se estivesse no seu lugar. Esse acontecimento me fez sentir na pele o que nossas leituras e discussões sobre ética nas Ciências Humanas nos desafiam a perceber, e como a auto reflexão e vigilância devem ser parte integrante e constante do processo de pesquisa.

Saldo do meu percurso? A percepção, a partir do rápido diálogo relatado, de que “a Feira é impossível”, gerando incômodo entre vendedores e moradores. Um desentendimento, que me causou angústia e aprendizado, com um suposto dono de um antiquário. Ao mesmo tempo, através desta cartografia consegui perceber uma

dimensão importante da Rua Tristán Narvaja, sobre a qual não tinha a devida clareza até esse dia, apesar de ter lido sobre o assunto.

Em fevereiro de 2016, existia na Rua de Tristán Narvaja: 24 residências (entre ocupadas e desocupadas), quatorze livrarias, doze antiquários, nove bares, um teatro, o prédio da Faculdade de Psicologia, assim como a sede do Movimento de Libertação Nacional *Tupamaros* e alguns comércios dispersos, como padaria, salão de beleza, farmácia, entre outros.

3.4 Voltando para casa: um exercício surrealista

E se os livros, que, de dentro das vitrines das livrarias, observam a Feira, se colocassem a pensar? Essa ideia surgiu depois de uma tarde de imersão nas fotos que eu fizera das vitrines, dos antiquários e das livrarias, durante o trabalho de campo, quando eu fôra guiada pela observação flutuante. Segundo Colette Petonnet, esta técnica,

Consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstancia, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la 'flutuar' de modo que as informações penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referencia, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes. (PÉTONNET. 2008. p.102).

Pensar em como as imagens produzidas ao longo destes percursos poderiam me relacionar com a Feira, bem como revelar indícios para pensar a relação desta com a cidade de Montevideo, me instigou a cruzar a técnica da observação flutuante com a da escrita automática, desenvolvida pelos surrealistas. James Clifford (1995) pontua que,

El momento surrealista en la etnografía es ese momento en el que la posibilidad de la comparación existe en tensión no mediada con la pura incongruencia. Este momento se produce y atenúa repetidamente en el proceso de comprensión etnográfica. (CLIFFORD, 1995, 179-180).

Assim, a 'escrita automática', me pareceu uma possibilidade de atuar sobre o conhecimento e também sensações inscritas em mim e que foram sendo produzidas durante o tempo em que estive presente na Feira, mas que também permanecerem

vivas a distância, atribuindo as emoções e ao acaso, importante participação no tema etnográfico.

Foi assim que sentei no sofá da minha casa, depois de horas envolvida com parte das imagens que seguem. Na estante, percebi os livros que “me olhavam”, cujos autores coincidiam com muitos dos que eu encontrara nas vitrines da Rua Tristán Narvaja. Pensei: por que não os deixar falar?

Busquei então por Edgar Allan Poe; encontrei uma edição em espanhol. Transcrevi para o papel a primeira frase que apareceu, cuja primeira palavra era indecifrável: “*luntad!*”. No dicionário, ela não existia. Na internet, parei em um mapa, que demonstra a localização de Luntad nas Filipinas. Continuei navegando e fui parar em um filme, cujas imagens eram incrivelmente poéticas e giravam em torno de duas meninas orientais. Com certeza, não tinha anotado a palavra de maneira correta.

No impulso, tampouco anotei as páginas dos livros que fui retirando da minha estante a partir da lembrança destes em muitas das vitrines e interior das livrarias: Fiódor Dostoiévsk, Henry Miller, Bronislaw Malinowski e Carl Gustav Jung, tais autores me remeteram à magia das conexões. A primeira palavra soou como intraduzível e permanece misteriosa; a última era “paralisação”. Pensei, então, em inventar uma maneira de ler o que surgiu, através da junção da segunda e última palavras que apareceram ao acaso, o resultando: “(...) *o indecifrável que paralisa* (...)”.

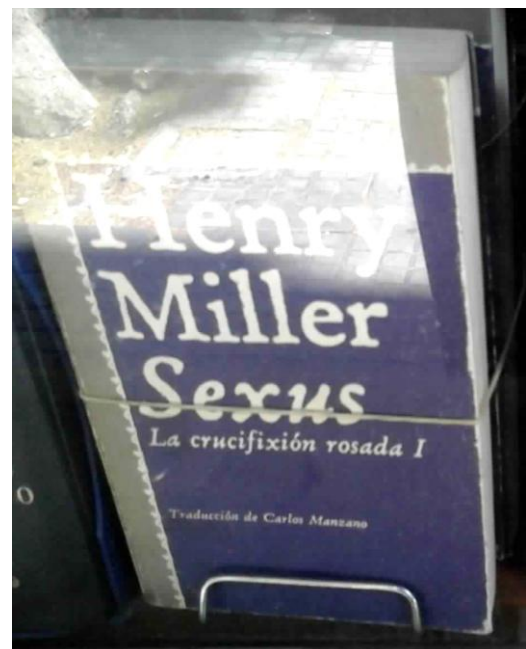
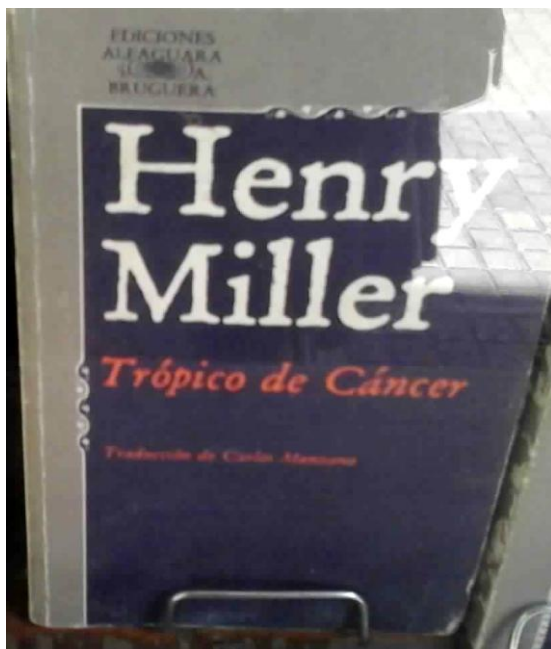
Tristán Narvaja me paralisou em vários momentos. De diferentes maneiras. Sustos. Surpresas. Encontros. Em parte, vejo que foi devido ao encantamento por ela e à certeza de que não estava lá para decifrar, mas para estar. Pasma. Assombro. Graça. Riso.

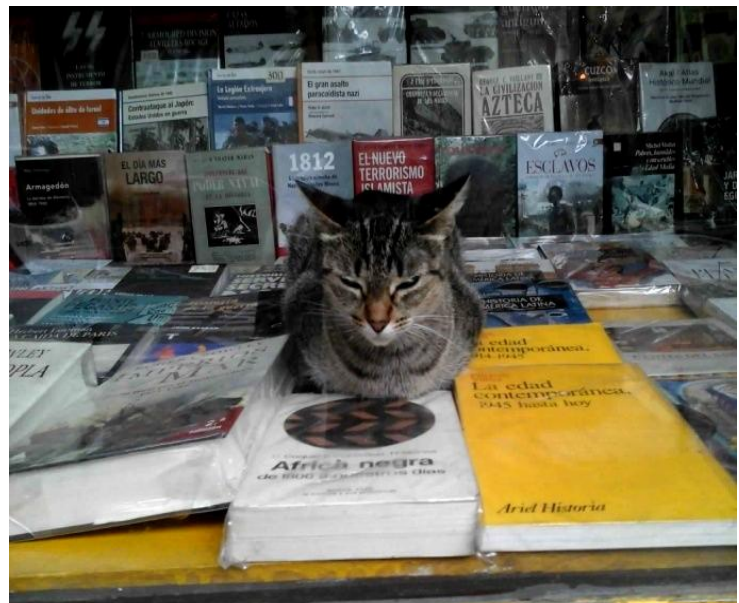
No decorrer deste capítulo busquei narrar, textual e imageticamente, os percursos que realizei no interior da Feira de Tristán Narvaja e seu entorno. Salientando a relação entre texto etnográfico, memórias, afecções e imagens em mim impregnadas, procurei conduzir o leitor para dentro deste universo, alicerçado no meu percurso com Oscar, assim como, nos encontros fortuitos decorrentes das observações e do meu flamar, penso ter dado conta de mostrar a importância da Feira de Tristán Narvaja como lugar de encontros e relações inusitadas,

incontornáveis, e por vezes fantasmagóricas e surrealistas. As fotografias produzidas, por si só, fruto de escolhas e recortes em campo, foram, posteriormente selecionadas, montadas, desmontas, remontadas, consteladas e dispostas nestas páginas na intenção de conduzir o leitor para uma viagem onírica pelos espaços da Feira, a partir do meu olhar e da relação com os textos que a precedem.









4 ETNOBIOGRAFIA DE UM COLECIONADOR



Figura 11: Imagem de autoria de Daniel

A partir de 2015, minha relação com a Feira de Tristán Narvaja foi motivada pela pesquisa, mas minha história com ela, como foi dito inicialmente, iniciara em 2007, na condição de artesã, quando diversos encontros me apontavam em sua direção. Este evento dominical no centro de Montevideo, que se repete sistematicamente há mais de um século, sem jamais ser o mesmo, foi-me apresentado como potência de trabalho e buscas, não somente materiais. Porém, não poderia imaginar, há uma década atrás, que dentre estes encontros, nasceria uma etnobiografia. De todas as maneiras de dizer o que vem a ser uma etnobiografia, a que se sempre me tocou, é a que diz que esta é a história de um encontro. A intenção deste capítulo é contar uma vida intimamente relacionada à Feira através de encontros etnográficos que se deram de forma virtual, e que, em determinado momento, puderam ser atualizados no próprio local que foi o tema central de nossas conversas.

A história de meu encontro com Daniel não teve início na Feira. Tampouco, por intermédio de uma pessoa específica que o tenha me apresentado, ou ainda indicado. Surgiu de uma ideia e de seu resultado.

Em março de 2016, a confirmação de que não seria possível a realização de mais um retorno a campo, fez surgir uma ideia. Desde o início da pesquisa, utilizei a internet como instrumento de busca. E foi no dia três de abril, um domingo, que a etnografia mediada pelas redes sociais se mostrou como possibilidade. Nesta data, havia uma postagem em uma página que sigo no *Facebook*: “Feliz Feira de Tristán Narvaja ou qualquer outra que estejas indo hoje!! Qual é tua feira preferida no Uruguai?”

A página intitulada *Mundo Uruguayo* é uma comunidade virtual, que se destina à postagem e à discussão de imagens do passado e do presente uruguaio e, especialmente, de sua capital, Montevideo.

Entre os 90 comentários e as 733 reações de pessoas à postagem, estava Daniel: “*Tristán Narvaja por supuesto, en los últimos 20 años fui casi todos los domingos*”. Os demais comentários diziam respeito a qualidades positivas da Feira, mas também apresentavam críticas. Alguns apontavam a existência de outras feiras em Montevideo, tão ou mais atrativas que a de Tristán Narvaja.

Iniciei, neste mesmo dia, um diálogo com Daniel, a partir da ideia de encaminhar uma mensagem para quem havia se manifestado ao compartilhamento.

Enviar esta mensagem, fez com que refletisse sobre o que Christine Hine (2000) comenta sobre o primeiro contato com interlocutores no universo virtual, salientando o fato de que este é a base para um primeiro juízo em relação às intenções dos pesquisadores.

Com isto em mente, encaminhei o seguinte texto:

Prezado (a),

A partir da página *Mundo Uruguayo* e da postagem realizada no último domingo dia 03/04 sobre a Feira livre de Tristán Narvaja tomo a liberdade de entrar em contato. Sou brasileira e estudante de Antropologia no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas/RS e entro em contato na intenção de solicitar sua colaboração na pesquisa que realizo junto ao Mestrado, que tem como tema a Feira livre de Tristán Narvaja.

Conheci a capital uruguaia e a Feira em 2007, e a partir deste encontro fui vítima do total encantamento que a Feira produz em seus admiradores, em março de 2015 ingressei no Mestrado em Antropologia e desde então me dedico exclusivamente à pesquisa que tem como título provisório: *Comércio de memórias e venda de lembranças: um estudo sobre a Feira livre de Tristán Narvaja em Montevideo*²¹.

Tendo parentes brasileiros em Montevideo tenho o privilégio de mais de uma vez por ano poder estar na cidade. Gostaria assim, se fosse possível, solicitar a sua colaboração na pesquisa relatando um pouco de sua experiência, vivências e impressões sobre essa belíssima Feira, tão rica do ponto de vista cultural e simbólico, assim como possíveis imagens que possam vir a ter da mesma, já que nenhum trabalho antropológico até o momento foi realizado de maneira mais profunda, baseio minha pesquisa em descrições e imagens sobre a mesma.

Coloco-me a sua inteira disposição para eventuais conversas e explicações e desde já, peço desculpas caso a mensagem seja invasiva, mas pensei como essa sendo uma forma de dialogar e solicitar a colaboração de uruguaios que viveram ou vivem no país.

Desde já muito grata.

Claudia Cardoso Goularte

A grande maioria visualizou, mas apenas quatro pessoas responderam. Uma delas residia em Montevideo; uma segunda, em Buenos Aires, e uma terceira informou que morava na Itália. Porém, com nenhuma destas uma conversa se desenvolveu. Foi somente com Daniel, que um diálogo rico de detalhes e de trocas aconteceu.

Neste capítulo, apresento o fruto de encontros virtuais e presenciais com este interlocutor – que se tornou um amigo. Os momentos que cadenciam o são: primeiro momento, justifico teoricamente a pertinência da etnobiografia via etnografia virtual; no segundo, trago uma síntese produzida por Daniel a respeito de sua vida; e

²¹ Título inicial da pesquisa.

no terceiro, descrevo meu percurso na Feira por três domingos consecutivos na companhia de Daniel, agregando suas reflexões sobre a Feira e os encontros entre amigos na Livraria Ilion, que ocorrem todos os domingos há mais de uma década. Concluo com uma reflexão sobre a riqueza de trocas que foi este encontro etnográfico e a contribuição inestimável a pesquisa realizada.

4.1 Etnobiografia e etnografia virtual

Compor esta etnobiografia sobre a vida de Daniel, a partir do que ele escreveu para mim, possibilitou importantes reflexões sobre sua trajetória e histórias em torno da Feira de Tristán Narvaja. Ao mesmo tempo, forneceu para a pesquisa uma perspectiva que compreende este lugar como espaço de conhecimentos que são compartilhados.

Através da escrita de si, Daniel nos coloca em contato com a história cultural e econômica que abrange sua vida e esta na forte relação com a Feira, e dessa forma, se confirma a impossibilidade do dualismo - indivíduo e sociedade - discutida na concepção de etnobiografia. Segundo Gonçalves (2012, p.20), esta noção “propõe repensar a tensa relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura”.

A etnobiografia e as escritas biográficas como um todo permitem compreender a impossibilidade de pensar fases, ciclos e trajetórias de vida de modo cronológico. A narrativa intercala presente, passado e futuro, como partes não isoladas do trabalho da memória. Desta forma, percorre os diferentes tempos vividos, impondo-lhes uma ordenação, que produz sua coerência interna via descontinuidade.

Conhecer uma parte importante da vida de Daniel é deixar-se levar com ele pelos caminhos que conhece e percorre no interior da Feira nestes mais de vinte anos. Fica evidente a relação entre seus percursos, sua presença e sua percepção da Feira de Tristán Narvaja, demonstrando que, “as narrativas devem ser observadas enquanto aspecto integral da prática e de uma estrutura de temporalidade que faz parte do processo de construção social da realidade”. (AURELIANO, 2002, p.243).

Daniel salienta uma relação no tempo com a Feira, “como as memórias das experiências vividas constroem e representam os territórios percorridos” (SOUZA, 2015, p. 348). Não é possível saber se é ele que age sobre a Feira ou o contrário. Certo mimetismo se revela quando ele menciona que, assim como a Feira, ele próprio é um “*cambalache*” - uma junção de vários interesses e conhecimentos, agenciados no/por esse lugar/evento.

A etnobiografia, ao lidar com a dimensão pessoa-personagem, permite pensar sobre como os atores sociais, ao agirem, constroem e resignificam experiências de modo contínuo, incorporando as especificidades em torno de seus desejos, buscas, encontros e conhecimentos adquiridos. Do mesmo modo que Scott Head, no ensaio “Mestre Russo de Caxias: um jogo improvisado entre etnobiografia e biografia”, opto por fazer uso do que o autor denomina como *ficção objetivista*, apresentando a escrita de Daniel “pretensamente sem ‘interferência’ da minha parte, justamente para *mostrar* que a própria fala que segue acaba abalando esta pretensão”. (HEAD, 2002, p. 98).

Pensar a etnobiografia em conjunto com a etnografia virtual²², possibilitou uma atenção especial às interpretações simbólicas construídas na interação e posterior reflexão, mediante a uma escrita compartilhada. Os sentimentos sobre a experiência de *percorrer caminhos* na Feira de Tristán Narvaja foram expostos, descentrando o olhar e possibilitando a escolha e sobreposição dos temas. Reivindicando sua importância pela repetição e suas variações. Assim, dois principais aspectos podem ser salientados: a familiaridade e íntima conexão no tempo com a Feira de Tristán Narvaja, e a possibilidade, via etnobiografia e etnografia virtual, para que Daniel escrevesse sobre suas experiências neste lugar.

A Feira que surge da narrativa de Daniel é acompanhada por sua principal Rua, assim como pelas especificidades comerciais: livrarias (desde o seu interior e o que nelas acontece); as diferentes esquinas da Rua Tristán Narvaja que mediam o acesso às outras ruas também percorridas; seus diferentes trabalhadores; e seus personagens conhecidos e desconhecidos.

²² O termo netnografia tem sido mais amplamente utilizado pelos pesquisadores da área do marketing e da administração, enquanto o termo etnografia virtual é mais utilizado pelos pesquisadores da área da antropologia e das ciências sociais. (AMARAL, NATAL & VIANA, 2008, p. 34).

As especificidades desse espaço e a multiplicidade de coisas, pessoas em relação com sua atmosfera abrem possibilidade para que nos nossos diálogos a percepção de Tristán Narvaja como a Feira dos *mundos paralelos*, seja construída.

Percorrer com Daniel esses *mundos paralelos* e os inusitados encontros entre coisas e pessoas que a Feira agencia, é o que a etnobiografia possibilitou, demonstrando ser essa uma das chaves para se conhecer e vivenciar a Feira. Nossa escrita teve como suporte a internet, via janelas de conversação individual do *Facebook*. Assim, a interação face-a-face foi substituída (em um primeiro momento) pelo compartilhamento de percepções formuladas por ambos, em que a possibilidade de reler e repensar sobre os temas se tornou possível, em virtude do caráter assíncronico da maioria das nossas mensagens.

Com uma correspondência importante por *e-mail* e as demais formas de comunicação eletrônica há, de um lado, a intensidade e a fantasia desse tipo de comunicação instantânea, mas, diferentemente de uma conversa, pode-se ler e reler uma mensagem. Une-se à potência da conversação um suplemento de sentido. (TURKLE, 1999, p. 121).

Algumas descobertas, tais como fotografias, letras de música, documentários, textos de cronistas e jornalistas que tem a Feira de Tristán Narvaja como temática, foram sendo disponibilizadas, por mim e por ele, no decorrer do nosso diálogo. Estas formas expressivas auxiliaram a pensar sobre a Feira, a partir das percepções, históricas e simbólicas, que emergem desses materiais. Aliado a isso, trocamos fotografias produzidas por nós, confirmando que as imagens enquadradas pelos nossos olhares encontram sua correspondência na narratividade produzida.

Criamos aos poucos um contexto para a pesquisa. Contexto entendido na acepção de Roy Wagner, em que, parte da experiência é construída em “um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si, e é formado pelo ato de relacioná-los”. (WAGNER, 2010, p.78).

Nesse ambiente, foi possível escrever sobre a Feira de Tristán Narvaja de modo reflexivo e subjetivo, tencionando os sentidos de realidade e ficção. Desta forma, dialogando com Jean Segata (2016), a internet se constituiu em um espaço de ‘relação social’. “Nesta perspectiva, uma antropologia do ciberespaço reduz a distância e problematiza o que se toma como vida real e vida digital”. (SEGATA, 2016, p.96).

Tais perspectivas e etnografias produzidas, em grande parte, a partir de 1996, surgem entre os antropólogos brasileiros que se encontravam ligados a consolidação do GrupCiber – Grupo de Pesquisa em Ciberantropologia do PPGAS-UFSC, (SEGATA, 2016, p.92). A partir destas produções a própria antropologia passa a perceber a necessidade de revisão sobre as formas convencionais de etnografia, ancoradas em uma fé do antropólogo de que o encontro face a face esta sob seu controle. (SEGATA, 2016, p.98).

Daniel exerceu uma escrita atenciosa e generosa para com a Feira, e, conseqüentemente, para com a pesquisa, trazendo a presença e importância desta na sua vida, sendo minucioso, em detalhes e em conexões que enriqueceram a reflexão. Nesse sentido, é importante frisar, mais uma vez, as contribuições que trouxeram a etnobiografia, aliada à etnografia virtual e à antropologia compartilhada:

Existe outro aspecto da conversa eletrônica: o subjetivo. O aspecto subjetivo da tecnologia não está no que a informática faz *por* nós, mas no que ela faz conosco. Tento interpretar a questão de maneira a abrir espaço, na discussão sobre o virtual e seus descontentamentos (ou satisfação), para a importância do sonho contido na comunicação quase instantânea. Isso também pode ser um cimento que dá às pessoas o sentimento de “pertencimento”. Falo da sensação de que, num grupo de discussão *on-line*, escrevo e depois, imediatamente, alguém pode retomar a minha ideia, desenvolve-la e remeter-me alguma coisa. Tais gratificações são estimulantes e produzem um sentimento de filiação. (TURKLE, 1999, p.120).

Assim, foi do interior de um contexto subjetivo, por vezes onírico, carregado de elementos simbólicos, que a Feira surge como um evento que salienta a importância de conhecer este espaço pela via da experimentação e que conduz aos encontros e à relação destes com sua a biografia, de forma que,

Discursos por uma parte, e ações por outra, não são realidades que se opõem, nem que uma opera distorcendo a outra: seriam antes formas diferentes mas complementares de expressão de um mesmo universo simbólico que só pode ser apreendido como sistema abstrato, mas que se manifesta através da especificidade de cada situação concreta (MAGNANI, 1984, p.60).

Na medida em que Daniel privilegiou um falar de si e da Feira a partir de elementos simbólicos e suas motivações existenciais, constituiu-se a chave delimitativa que conduziu a etnografia: pensar a Feira de Tristán Narvaja como um lugar de encontro entre *mundos paralelos*.

Experenciemos a possibilidade de discutir as especificidades das buscas e percursos na Feira, destacando o que nos atraia; conversamos sobre as semelhanças e diferenças de nossos olhares: Daniel, enquanto um colecionador e admirador da Feira; eu, pesquisadora, mas também admiradora.

Assim, as coisas no contexto da Feira foram pensadas enquanto potencialidades, sempre desconhecidas, num constante devir, até a chegada e o início dos percursos, com seus múltiplos desdobramentos e possibilidades de encontros e desencontros. Através destes percursos, foi possível perceber o que move e satisfaz Daniel em termos de aquisições de mercadorias. Busca e descoberta foram elementos que permanentemente habitaram sua escrita, atuando enquanto possibilidade de leitura sobre o encontro de *mundos paralelos* que fazem parte de um ser e estar na vida e na Feira.

A referência a *mundos paralelos* possibilita pensar nas interações promovidas neste lugar, agenciadas pela Feira, mediadas pela cidade, e, permeadas por múltiplas desigualdades e oportunidades, possibilitando pensar a presença desses *mundos* enquanto algo concretamente presente na Feira. Mas, também, como uma espécie de sentimento que diz respeito à relação das pessoas com as coisas comercializadas. Ao reconstruir sua história em torno da Feira e dos seus sentidos, Daniel insere-se nela como personagem, surgindo desta característica um diálogo pautado nas experiências com este espaço. Diversamente das narrativas e conversas informais que compartilhei na Feira, foi possível, via etnobiografia e etnografia virtual, aprofundar questões em torno do colecionismo. A relação com a “caça a tesouros”, descritos por Daniel, sugere, então, um encontro consigo, a partir da maneira como aborda seus interesses: livros antigos de medicina, literatura bélica, carrinhos colecionáveis (substancialmente diferentes dos de brinquedo), o encontro com feirantes e amigos e sua rotina dominical na Feira há mais de duas décadas – todos dão o tom da sua relação com este lugar.

A utilização da etnobiografia com a etnografia virtual problematiza a noção de proximidade, já que a possibilidade de criar laços “reais” tão fortes quanto no universo off-line encontra-se aberta. A esse respeito, Turkle menciona que,

Se assiste, atualmente, mais entre os especialistas do que entre os usuários (seria melhor chamá-los de cidadãos) à defesa da fronteira entre o virtual e o real, ao esforço para situar certos tipos de experiência numa ou noutra dimensão. Enquanto isso os cidadãos das comunidades virtuais recusam essa fronteira e exprimem claramente o desejo humano de ter acesso aos dois aspectos ao mesmo tempo. (TURKLE, 1999, p.119).

Desta forma, a abertura para pesquisas em profundidade pode ser explorada na etnografia virtual, já que o tempo e duração do contato podem ser tão expandidos quanto desejem seus participantes. Os diálogos constantes possibilitaram a continuidade em torno de questões referentes ao tema, tornando as trocas frutíferas e intensas. Turkle sustenta que,

Uma das chaves do comunitário é a ausência de transitório, a permanência. Assim, pode-se partilhar uma história, uma memória. Com a continuidade vem a possibilidade de construir normas sociais, rituais, sentido. Aprende-se, aos poucos, na medida em que se estabelece uma cultura *on-line*, com experiências comuns, a confiar uns nos outros. Mas, uma vez mais, quero destacar que as melhores possibilidades para o desenvolvimento das comunidades encontram-se nos lugares em que se cruzam as experiências virtuais e o resto da vida (TURKLE, 1999, p.120).

Meu encontro com Daniel aconteceu, por casualidade, no mundo *on-line*, mas teve forte ressonância também no *off-line*. A possibilidade de percorrer a Feira ao seu lado foi um momento importante e emocionante para ambos. No decorrer de nosso diálogo via internet realizamos também inúmeros percursos, na medida em que dialogávamos sobre as ruas, coisas e especificidades da Feira. Deste modo, o nosso encontro presencial neste local, dentre tantos encontros virtuais que mantivemos, foi recompensador para ambos.

4.2 Trajetória e ciclos de vida

Ao resgatar as memórias de sua vida, Daniel opta por construí-la em torno de um início que abarca sua formação escolar e trabalho, sendo que, desde jovem, estabelece uma relação com a arte, via apreciação de livros, música e cinema. Tais interesses estão presentes e perpassam os diferentes ciclos de sua vida.

Primero lo personal: tengo 57 años, estudié Medicina sin llegar a recibirme, trabajé como Practicante de Medicina en varios hospitales de mi país y desde 1989 trabajé en varias empresas de venta de material médico descartable o especialidades farmacéuticas. Con alguna de éstas tuve oportunidad de conocer Latinoamérica y dos o tres ciudades de USA, participando como vendedor o en entrenamientos.

O fato de Daniel ter formação em Medicina e tê-la exercido apenas por um curto período leva em conta uma das especificidades desta atividade no Uruguai e sua diferença em comparação ao Brasil. No Uruguai tal atividade de trabalho, segundo os relatos de Daniel e diálogos que tive, tem, em geral, uma remuneração que faz com que muitas vezes tais profissionais quase “paguem” para trabalhar, o que justifica que Daniel, mesmo permanecendo na área da saúde, tenha melhores rendimentos e condições de trabalho como representante comercial de produtos farmacêuticos.

A los 18 años entré por concurso en Medicina (año 1977) hasta que paulatinamente me di cuenta que me llevaba demasiado tiempo, que para trabajar tenía prácticamente que pagar, y que deseaba YA una familia propia y un cambio de ambiente. Comencé a trabajar y en el 89 conseguí entrar en mi primer laboratorio.

Como curiosidad en ese entonces trabajando 8 hs diarias de lunes a viernes, ganaba un 40% más que mis compañeros recibidos y con especialidad.

Ainda no que diz respeito às condições econômicas do país,

En la materialidad diaria de sus quehaceres cotidianos, el uruguayo sigue adelante con sus más o menos modestos ingresos, conviviendo con un sistema económico que funciona como un círculo vicioso y que el crítico literario y escritor Rosarino Elvio Gandolfo –afincado en Montevideo desde hace décadas– resume así: ‘[...] La vida en Montevideo [...] a veces se vuelve muy dura por los problemas económicos. Es una ciudad que paga muy malos sueldos, sobre todo a partir de niveles medios para arriba y que, por otra parte, es carísima en casi todo’. (GATTI, 2011, p.312).

Daniel tem uma relação com a literatura que faz com que aprecie diferentes temas, demonstrando ser um leitor extremamente eclético. Sua relação com a literatura e os longos momentos que dedica a esta atividade, sem dúvida auxiliaram no momento em que passou a escrever sobre sua relação com a Feira, fornecendo interpretações interessantes e sensíveis sobre a mesma.

Lector omnívoro (ahora mismo además de un libro de historia bélica –Matanza y Cultura– estoy leyendo El Golem), he tenido etapas: la primera y más prolongada fue con la Ciencia Ficción, luego la literatura de terror: policiales, clásicos de todas las épocas, material científico siempre (Scientific American o La Recherche), por supuesto medicina, y como verás por mi FB todo lo que tenga que ver con vehículos, aunque mi primer amor son los automóviles.

Daniel salienta que, dentre as formas de arte que lhe atraem, prefere a literatura, o cinema e a música. Mencionando suas influências e gostos pessoais, nos coloca já neste primeiro momento em contato com o seu modo de ser.

Me gusta la música con preferencia de la clásica (en especial Bach) y el rock especialmente el Progresivo / Sinfónico o como desees llamarlo. Tuve mi etapa de fanatismo con el jazz, gané algún premio en concursos etc. La contra es que no tengo oído musical. Tuve también una etapa de cinéfilo entre 1977 y 1981, en la cual podía llegar a ver 2 películas diarias como socio de Cinemateca Uruguay. Hubo muchas cosas que tuve que dejar de hacer a medida que llegaban las obligaciones: la familia, los hijos el trabajo (no en ese orden por supuesto ja ja ja), pero siempre mantuve la lectura y desde hace 21 años, el maquetismo.

Durante o período em que eu e Daniel dialogamos, em alguns momentos tive receio de me tornar demasiado invasiva, e que através dos meus questionamentos acabasse por fazê-lo reviver aspectos que propositadamente estavam adormecidos em sua memória. Reportei tal preocupação a ele, que tratou de me tranquilizar.

Con tus preguntas me haces recordar cosas muy muy antiguas "cuando era feliz e indocumentado" (G. García Márquez). Las cosas que me hiciste recordar no tienen un sabor triste, no te preocupes, incluso miradas ahora pueden ser graciosas. Como las bromas que hacíamos mientras disecábamos cuerpos en Anatomía, o la vez que en una guardia me mandaron una probable apendicitis desde otro centro y resultó que era una chica que estaba en trabajo de parto.

No trecho a seguir é possível perceber a impossibilidade da linearidade da memória. Daniel percorre diferentes momentos, que em um primeiro olhar parecem não ter relações entre si. Infância, adolescência e vida adulta, se misturam e tem em comum a seleção de fatos que ainda hoje lhe comovem. O fio condutor que liga tais eventos são os sentimentos e sensações que produziram e foram fundamentais para a construção da sua personalidade.

Cosas que me marcaron te podría contar mi pasaje por el liceo con mis padres divorciados, durante la dictadura uruguaya. Las veces que me pararon en la calle los de Investigaciones (encargados de las "desapariciones") que me dejaban ir cuando veían la identificación del liceo donde iba (conocido por su inclinación a la derecha política), mi experiencia encerrado en aeropuerto de Caracas durante el "Caracaso" de Chaves sin saber que iba a pasar con nosotros y sin poder comunicarme con mi familia, o cuando una noche escuché en el informativo sobre

un accidente en un cruce ferroviario en el que fallecía una madre joven, misma que vi al otro día en la clase que me tocaba en la Morgue (la visión de esos restos casi irreconocibles y el olor no se me van a borrar) o lo bien que pasamos y las cosas que hacíamos en las clases de disección y anatomía, mi pasión por el ciclismo entre los 13 años y los 35 (cuando nació mi primer hijo) recorriendo entre 30 y 45 km diarios.

Em diferentes momentos de nosso diálogo Daniel remete ao fato de ter uma personalidade que aprecia a tranquilidade de uma vida, segundo ele, “sem muitas aventuras”. Porém é também do interior deste contexto que relata as diferentes viagens realizadas a trabalho que lhe permitiram conhecer outros países e culturas. Também revela a sensação de ter vivenciado, mesmo que com relativa distância, o triste período de ditadura no Uruguai.

Mi vida fue rutinaria: liceo privado hasta los 17 (con mil sacrificios de mi madre) que me evitó como te contaba lo peor de la dictadura, aunque era perfectamente cociente del ambiente (ya en la escuela sufrimos varias "inspecciones" por soldados que buscaban armas o "sediciosos").

Bueno, así fue como esta persona que le gusta la estabilidad, tranquilo y meditabundo, se encontró viajando por latino – centro – y Norteamérica, pasando 15 días cada 2 meses fuera de casa (lástima me cortaron la posibilidad de conocer Europa) hasta que un día al llegar mi primer hijo me miró y me tocó de una forma muy especial al recibirme en el aeropuerto (tenía un año y medio aproximadamente), momento que decidí que no más viajes para mí teniendo la suerte de encontrar otro trabajo mejor.

Em relação a sua atual atividade de trabalho, Daniel salienta a instabilidade da sua profissão, que fez com que experienciasse a dramática perda do emprego aos 56 anos, o que foi ainda mais difícil, pelo fato, de ser o único membro da família com uma atividade de trabalho naquele momento.

Sin embargo, mi área de trabajo no se caracteriza por la estabilidad laboral, la última vez fue cuando Astra Zéneca perdió la licitación del gobierno y decidió que algunos de sus empleados (entre ellos yo) sobrábamos en el 2014. Con 56 años fue la situación más dura que tuve que enfrentar, pero por suerte desde hace un año estoy trabajando nuevamente...

Daniel salienta o espaço da Feira como uma possibilidade de estar em contato com as lembranças que permeiam diferentes momentos de sua vida. As coisas comercializadas tem assim o poder de reaproximá-lo do passado, através da possibilidade de adquirir coisas que, na sua infância e juventude, eram objeto de desejo.

Y bueno, quizás la Feria nos guste tanto porque nos muestra un pasado del que formamos parte, nos refleja tiempos pasados con los que rememoramos vivencias. En mi caso, con mi edad, no te olvides que conocí y disfruté los televisores, radios, tocadiscos, etc. a lámparas, vi el nacimiento de las primeras calculadoras (6 dígitos, sólo las 4 operaciones principales sin memoria) Puf, esto me hace sentir una especie de fenómeno con varios siglos de antigüedad ja ja ja ja.

São esses aspectos que encontram ressonância na Feira de Tristán Narvaja, espaço de reencontro de diferentes temporalidades e ciclos de sua vida, de acesso às lembranças, abarcando preferências em termos de gosto e privilegiando sua relação com o colecionismo e a literatura.

4.3 Histórias que se cruzam

Ainda é forte a lembrança de alegria e expectativa nas primeiras trocas de mensagens que estabeleci com Daniel, que me confirmavam estar diante de um interlocutor privilegiado. Nesta troca de correspondências, o mútuo aprendizado tem papel fundamental. Seu talento para escrever sobre a Feira de Tristán Narvaja na relação com sua biografia pessoal trouxe uma contribuição inestimável à pesquisa. A Feira ocupa um lugar de destaque na vida de Daniel e a troca de mensagens, em sua maioria assincrônica, em um meio que permite a sincronia, nos permitiu a reflexividade, assim como, uma construção narrativa/textual permeada por descobertas em torno deste espaço. Como quem espera uma carta, passava dias ou algumas poucas semanas sem notícias suas. Passei a não temer mais uma interrupção, a partir do conhecimento de sua rotina familiar e das viagens de trabalho pelo interior do país. Que o impossibilitaram algumas vezes de dar um retorno mais rápido as minhas indagações.

Além de admirador e frequentador assíduo da Feira, Daniel é também um *flâneur* e colecionador. Aos poucos também me tornei mais do que admiradora,

uma *flâneuse* e colecionadora, sem, no entanto, possuir a sua coerência e embasamento em relação ao colecionismo, pois minha coleção de quinquilharias é tão limitada quanto heterogênea. Mesmo assim, busco espalhar as coisas que adquiri em Tristán Narvaja pelas peças e gavetas da minha casa, tal como ele faz. Majoritariamente, de pequenas dimensões, são coisas que se tornaram especiais, pela história e pelo contexto dos encontros, assim como pelo que elas me permitem relembrar.

As mensagens trocadas com Daniel durante esse período se constituíam em mais de cem páginas, em agosto de 2016, quando parei de transpô-las para o *Word*. Aqui, não posso dizer que uso a melhor parte delas, apenas que, por uma questão de espaço destinado a um capítulo, fui obrigada a selecionar, como ocorre com todo o nosso *corpus de pesquisa*.

Durante a nossa interlocução, também passei pela experiência de relembrar minha vida e narra-la para Daniel, já que, do ponto de vista ético, julguei necessário retribuir o que lhe solicitava. Nessa partilha, por meio da autorreflexão, talvez tenha compreendido melhor os motivos de também possuir vínculos tão fortes com a Feira de Tristán Narvaja, passando por muitas de minhas lembranças. Isso nos permitiu compartilharmos e reconhecermos quem julgamos ser.

Depois de mais de cinco meses de uma interlocução possibilitada pela *internet*, nos encontramos pessoalmente no dia 12 de setembro de 2016. Obviamente, na Feira. Ele estava em companhia de seu mascote, um *poodle*, que atende pelo nome de Teo. Encontramo-nos, no início daquela tarde, no bar Tortuguita, que é um dos pontos centrais da Feira. Naquele dia, eu estava chegando à cidade e tinha passado por uma viagem de nove horas de Pelotas à Montevideo, na qual não havia “pregado” o olho, nem sequer uma vez, tamanha a expectativa que me invadia. Antes do nosso encontro, havia largado minha mochila na casa de Oscar e Cristina²³ e tomado um rápido café para seguir com eles para a Feira, de modo que estava exausta. Foi um momento importante da pesquisa, pois além de ser nosso primeiro encontro presencial, tive a possibilidade de apresentar Daniel a Oscar e Cristina. De imediato, passaram a conversar de maneira descontraída sobre a Feira e sobre o estranho fato de ainda não terem se cruzado: Oscar e Cristina, como feirantes, e Daniel, como frequentador assíduo.

²³ Interlocutores na pesquisa.

Pedi uma cerveja, que compartilhei com Cristina, já que Daniel não quis beber, e Oscar preferiu água. Extremamente cansada, com dores nas pernas e sem saber direito o que falar com Daniel, depois de tantas trocas virtuais que já havíamos estabelecido, temi pelas minhas condições de percorrer novamente a Feira, visto que acabara de caminhar cerca de 2h. com Oscar e Cristina. Meio sem jeito, cheguei a mencionar que deixássemos o percurso para o próximo domingo, quando Cristina me interpelou dizendo que eu deveria ir. Minhas dores nas pernas e cansaço ficaram, então, em segundo plano e fui caminhar com Daniel, que combinou com Cristina de me deixar em sua casa logo após o passeio. Neste dia, e nos dois domingos seguintes, percorri a Feira na companhia de Daniel, observamos e admiramos diversas coisas e situações, conversamos por horas, passamos pelos mesmos e diferentes lugares, vasculhamos muitas caixas pelo chão, onde chegamos a encontrar pequenos tesouros, ao lado de outras coisas que não despertavam nenhum interesse.

Em meu penúltimo dia, depois de quinze dias em Montevideo, a Feira coincidiu com meu aniversário de 40 anos. Quase sem dinheiro, dirigi-me para Tristán Narvaja muito cedo. Era uma manhã típica de primavera, ensolarada, com uma temperatura, de início, amena. Com meus últimos 400 pesos, cheguei de ônibus e desci em uma das suas ruas paralelas. Daniel tem o costume de chegar depois das 11h, já que aproveita os finais de semana para ficar acordado até muito tarde, montando suas maquetes e lendo. Minha intenção era gastar na Feira o pouco dinheiro que me restava. Mas em que? Não fazia a menor ideia, mais que uma expressão de consumismo, não saber em que se vai gastar o pouco ou suficiente dinheiro que se tenha, faz parte dos encantos da Feira Tristán Narvaja.

Naquele dia, adquiri alguns livros, dentre os quais, um pequeno livro de poesias do escritor uruguaio Mario Benedetti, com o sugestivo título *Montevideanos*. Também comprei um chapéu e uma flauta artesanal, que não estavam nos planos e faziam parte das coisas que, até aquele momento, nunca tinham chamado minha atenção, mas me sugeriram utilidade, e, no diálogo com os vendedores, me convenci da “necessidade” daquelas compras.

Paulatinamente, fui me transformando em uma colecionadora, ainda que de quinquilharias. Um tanto desordenadas, possuem em comum, a beleza por mim conferida, assim como a habilidade de estabelecerem contato com os *mundos*

paralelos. Tais coisas trazem, via narrativa do feirante, o conhecimento ou desconhecimento sobre determinada peça, autor de livro, e ainda histórias sobre a Feira e a sua vida neste local, contam sobre necessidades diferentes, ainda que prioritariamente materiais.

Algumas das coisas que adquiri, vi pela primeira vez na Feira de Tristán Narvaja. Mas, estranhamente, não são novidades. Dependendo do tempo e da época, evocam determinadas lembranças, colocando em movimento recordações sobre algumas fases da minha vida, que remontam à infância e adolescência. Por essas características, adquirem o dom de serem percebidas como pequenos tesouros, ao mesmo tempo me fazem recordar das diferentes histórias entrecruzadas nos percursos realizados na Feira ao longo do tempo.

Retornando para aquele meu último dia na Feira e em Montevideo, ao encontrar com Daniel, o que me restava de dinheiro era o suficiente para concretizar a brincadeira de que comemoraríamos o meu aniversário com uma torta frita. Passava do meio dia quando paramos na primeira barraca que avistamos na Feira e sem parar para comer continuamos caminhando. Nesse dia a percorremos por mais tempo, buscamos por caixas do domingo anterior, que já não existiam mais. Em uma delas, encontrei um pequeno broche, que classifiquei como um pequeno tesouro. Meu encantamento com a peça fez com que Daniel, o feirante e eu a olhássemos com atenção por um curto momento e concordássemos sobre sua beleza. Custava 50 pesos. Daniel fez deste seu presente de aniversário para mim. Na mesma hora, coloquei-o na gola do casaco que havia adquirido em um brechó da cidade.

Paramos demoradamente em cada pano estendido no chão. Olhando com atenção para todas as mais insignificantes coisas misturadas. Nesse dia, muitos rostos chamaram especialmente minha atenção. Situando-me, mais uma vez, dentro da cidade e da Feira, em muitos momentos tive a sensação de estar em lugares que poderiam ser muitos. Nas ruas periféricas, a música ficava mais alta. Passamos por uma mulher jovem que dançava ao som de um ritmo festivo vindo do interior de uma casa. Todos ao redor olhavam hipnotizados para os passos rápidos. Os movimentos misturavam sensualidade e descontração.

Após uma década de visitas anuais e prolongadas à Montevideo, e tanto refletir sobre a Feira de Tristán Narvaja percorri, nesta última inserção em campo, a cidade por caminhos até então desconhecidos para mim. Conheci uma pequena

parte de sua periferia e alguns bairros, com a única intenção de me deixar levar pelos percursos. Distante, tanto quanto possível, dos roteiros turísticos e dos mapas que costumam ter utilidade para quem sozinho tenta se locomover em uma cidade que não é sua, deixei que o acaso e um pouco de bom senso me conduzissem. Tais caminhadas tiveram o objetivo de olhar e fotografar a cidade em seus detalhes. Foi a partir deles que tive contato com uma Montevideo que se desprende do ar turístico e traz consigo a arquitetura deteriorada e/ou abandonada, assim como os rostos marcados por traços de sofrimento oriundos da pobreza.

As imagens e as sensações provocadas pela cidade encontram-se também presentes na Feira, onde troquei olhares com feirantes visivelmente desencantados e sonolentos. Alguns dormiam em suas cadeiras ou sentados na calçada. O abandono e a velhice estavam impressos em muitos desses rostos, em muitas casas e em pequenos prédios residenciais. Neles, vê-se brotar plantas do concreto e paredes riscadas e pichadas, falam da história das pessoas, do lugar, dos seus desejos, simpatias e revoltas.

Como nos dois domingos anteriores, paramos na livraria Ilion, ponto de encontro de Daniel com um pequeno grupo de amigos, que têm em comum, entre outros interesses, a literatura bélica, especialidade da livraria. Neste dia, conversei mais demoradamente com seu proprietário, simpático e curioso sobre a minha presença há três domingos consecutivos na sua livraria, em companhia de Daniel. Perguntou-me se eu iria morar em Montevideo, ao que respondi que não seria má ideia. Infelizmente, comentei, o custo de vida no país aumenta intensamente, com o que ele concordou, dizendo que em Montevideo ele é superior ao de muitas cidades que visitou na Europa. Neste dia, o livreiro narrou algumas passagens de sua vida, e, apontando para um par de antigas luvas de boxe penduradas na parede, comentou o fato de ter sido campeão nacional. Falei que, em meu próximo retorno à cidade, gostaria muito de escutar algumas de suas histórias, ao que me respondeu positivamente, embora tenha complementado que isso iria demorar, pois não poderia ser em um único dia. Sorri e disse que então teríamos que, nos encontrar mais de uma vez.

Daniel aproveitou esse dia para deixar alguns livros reservados. No caminho em direção ao carro, para que ele me desse uma carona até onde estava hospedada, ainda parei para fotografar algumas paredes. Tivemos uma última

conversa descontraída, que foi da precária situação econômica de grande parte da população ao tema da literatura, que nos encanta. Daniel falou sobre como percebe determinadas características de muitos livreiros que conheceu no decorrer do tempo em Montevideo. Encerramos com um divertido relato seu sobre as inusitadas situações pelas quais passou em um hotel em que esteve hospedado em Cuba, quando visitou a ilha a trabalho. Despedimo-nos com um abraço entre amigos e a certeza de que ainda vamos nos rever muitas vezes.

4.4 Um encontro de temporalidades

Desde sua primeira resposta à minha mensagem, Daniel foi, em todos os momentos, extremamente receptivo à pesquisa e atencioso comigo, descobrindo – e revelando – o exímio narrador e escritor que é.

Encantado de ayudarte en todo lo que pueda con tu tema de antropología, pues para mí Tristán Narvaja si bien es mi paseo dominical, también es un disfrute íntimo de las cosas que se encuentran, las cosas que he encontrado. Personalmente comenzó como un medio para acceder a ciertos artículos (libros y/o herramientas) a precios más accesibles, pero ahora es también un medio para recuperar aspectos del pasado, míos o del país como son los autos de colección (Matchbox, Corgi Toys, Tomica, Lesney), libros clásicos de medicina franceses (tengo alguno de 1860), soldaditos de plomo, publicaciones sobre automovilismo, etc. Un poco te muestro aquí algunas de las cosas que me gustan o he conseguido en la Feria de Tristán Narvaja, te repito que me encanta el tema que estás abordando y me pongo a tu disposición para transmitirti mis vivencias en esta feria todos los domingos (experiencia tengo, voy siempre desde hace 20 años ja ja ja).

A Feira aparece na escrita de Daniel como lugar de recuperação do passado. Neste sentido, as coisas que constituem o foco de seu interesse remetem-no para diferentes tempos.

Não é incomum, ao caminhar pela Feira, depararmos-nos com inúmeras coisas que nos fazem recordar de outras fases da vida. Cada peça tem e conta uma história, relacionada aos indivíduos que a portaram e as suas diferentes origens. Além do encontro entre personagens, a Feira possibilita o reencontro com as coisas produzidas em décadas passadas, resignificadas no presente. Nas bancas e panos estendidos no chão, a composição entre as mercadorias de um mesmo feirante fica evidente. Todas estas, tem em comum, o desgaste provocado pelo tempo e as

marcas indiciais deixadas neste transcurso, que por vezes evidenciam como e o quanto foram usadas. As camadas temporais mesclam o comum e o incomum; o interessante e o insignificante. Fazendo com que as coisas passem a adquirir significados, a partir do olhar e subjetividade de quem as encontra. Também por este motivo, a atribuição de valores às mercadorias de segunda mão é flutuante e destoante.

Como salientado anteriormente, Daniel foca parte importante da sua narrativa sobre a Feira percebendo-a como uma via de acesso a *mundos paralelos*. Compreender o sentido desta designação só é plenamente possível através da experiência do percurso atento e demorado por suas inúmeras ruas.

Bueno, me preguntas sobre mis vivencias, sensaciones y experiencias en la feria. bueno, siempre lo viví como un mundo paralelo, aquél donde se encuentran las cosas imposibles. Comencé hace 22 años, acompañando a mi padre, otro gran fanático.



Figura 12: Imagem de autoria de Daniel

Esto es parte de mi infancia. Todavía recuerdo cuando estaba en la escuela y mi padre leía siempre esta publicación, la revista Deportes; yo a veces también leía algo, en especial si hablaba de Nacional, aunque mi padre miraba todos los deportes.

La feria tiene eso, uno puede encontrarse en cualquier sitio con su pasado, su infancia, la escuela, vivencias de otra época, memorias. Incluso vislumbrar otros países y tiempos que no se conocieron. Y en general hay oportunidad de charlar con los feriantes para aprender algo.

Como te decía el otro día, la feria es un encuentro de mundos y tiempos, incluso la segunda oportunidad para conseguir eso tan deseado (auto de colección, libro, adorno) que en su momento no pudiste acceder por cualquier motivo y ahora se cruza contigo nuevamente. Es la forma de valorizar el contenido por encima de la forma, de aprender que si tiene calidad no pierde valor aunque no sea nuevo.

Através de sua escrita, Daniel nos conduz no ritmo próprio da Feira, caracterizado pela lentidão que torna possível a admiração. Caminhar devagar torna possível demorar o olhar e o tato sobre as coisas, até o ponto que as lembranças possam reencontrar com a fonte de rememorações e desejos, construídos na infância e adolescência, e que ainda hoje, comportam significados vivos na memória.

Percorrer a Feira é caminhar em companhia de diferentes tempos, percebendo a nostalgia que circula em torno deste espaço. O que motiva Daniel não é a chance remota de encontro com coisas que o interessavam e ainda o interessam, mas, antes, a certeza de que, muitas ou algumas destas, podem estar a seu aguardo.

Nunca me impresionó como un mercado de deshechos, y sí como un lugar mágico donde vemos las cosas largo tiempo perdidas; y en eso incluyo las librerías de usados de esa calle. Ese libro discontinuado, el repuesto para la radio vieja a lámparas, el juguete que tanto deseaste de niño están ahí. Recuerdo la vez que en una parte donde había cachivaches (cosas rotas y/o sin valor) encontré un puesto que exhibía varias maquetas sin armar en sus cajas originales y varios muy buenos libros de aviación, total que compré todo el lote (4 maquetas y 3 libros) por menos de lo que me hubiese costado uno solo de esos artículos. Además había una caja grande con maquetas desde muy dañadas a sin daños pero en bolsa, sin caja, que fueron para el club de maquetistas a que pertenezco.

As histórias sobre os encontros com as coisas passam tanto pela surpresa, em termos de qualidade e quantidade, quanto por algo característico em Tristán Narvaja, que diz respeito, aos baixos valores atribuídos pelos cachivacheros às coisas que comercializam. Isto pode ser explicado, de um lado pela oferta de determinados itens, nas mais diferentes condições de uso; por outro, pelo desconhecimento do feirante a respeito do que comercializa. *“Lo mismo me ha pasado con herramientas, o juguetes especiales que no se consiguen en le circuito comercial pero sí en Tristán Narvaja”.*

Tal como abordado em capítulo anterior, um aspecto comumente citado nas narrativas sobre a Feira são as lendas urbanas. Dentre as quais estão a possibilidade de ser surpreendido por algo de extremo valor a um baixo custo, o que estimula a multiplicação destas narrativas lendárias.

Daniel percorria a Feira com seus filhos quando estes eram crianças, o que não ocorre mais: *“Mi hijo y mi hija todavía son muy jóvenes, pasaron su etapa de acompañarme a la feria y tienen su propia vida”.*

Nos últimos anos, quem o acompanha no ritual de ir à Feira praticamente todos os domingos, é seu mascote, Teo, que, por conta de uma catarata nos dois olhos, é cego. Ao final da caminhada, seguem até a livraria Ilion, onde, enquanto Daniel conversa, Teo aproveita para descansar e beber água.

Los últimos 4 años también como plus, el concurrir con mi perrihijo Teo, da otro motivo de relación con aquellos que quieren a los animales ja ja ja.

Sí, de hecho los domingos me levanta para que vayamos. En los comercios que me conocen me permiten entrar con él, y hay muchos que aunque no compro nada ahí lo saludan y charlamos.

Teo es el único perro que entra en Ilion sin ser atacado, son viejos conocidos. Las gatas normalmente andan por la librería, y Celeste (la toda gris) es la única que normalmente acude a saludar, o por curiosidad.

Ao percorrer a Feira com Daniel e seu mascote, percebi que muitas pessoas também fazem o mesmo, o que cria, por meio dos cachorros, novos vínculos e amizades, como pude perceber ao ver que alguns dos feirantes reconheciam Teo e faziam questão de fazer-lhe um carinho.

A impermanência da Feira é sedutora. Mas, também, fonte de arrependimentos. Não é possível saber de antemão com o que vamos nos deparar. Nem sempre se está preparado para a aquisição de determinado objeto, tanto pelo

valor, quanto pelo tamanho da peça. Ou, simplesmente, porque se deixa passar a oportunidade de comprá-lo. É difícil crer que aquilo que não for adquirido estará disponível novamente. Muitas das coisas são únicas, menos por sua exclusividade e mais por sua condição de unidade pelo feirante. Assim, a impossibilidade de prever o que se vai encontrar é o que dá à Feira de Tristán Narvaja o seu constante ar de aventura e caça ao tesouro.

Quizás esa es su magia: cambia todos los domingos, nunca es la misma. Nunca se sabe que vas a encontrar, que pieza de colección, que recuerdo. Y en realidad poco tiene que ver con el valor real de las cosas, y sí mucho con el valor que tiene para tí, con la emoción de la búsqueda y el hallazgo (por lo menos para mí, que no compro con fines comerciales y sí porque significa algo).

Aparecen muchísimas cosas raras, extrañas, en sitios inverosímiles, aparentemente venidas de otros mundos. La feria es una aventura, en la que la emoción de encontrar lo inesperado, en el lugar menos pensado, tiene más valor que el hallazgo en sí.

Además el valor del objeto a menudo se relaciona con la subjetividad del que busca, su historia de vida, y no con el valor de mercado. Por eso yo siempre tomé la feria como una, manifestación antisistema, en lo que todo se recicla, se reusa, y sigue construyendo historia.

Por construírem e serem parte da história, os valores tornam-se relativos para os colecionadores. As coisas passam a ser chaves para o acesso à memória afetiva, em torno de épocas que continuam a pulsar no presente, instaurando,

Uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino. O maior fascínio do colecionador é encerrar cada peça num círculo mágico onde ela se fixa quando passa por ela a última excitação - a excitação da compra. Tudo o que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, fecho de seus pertences. A época, a região, a arte, o dono anterior - para o verdadeiro colecionador todos esses detalhes se somam para formar uma enciclopédia mágica, cuja quintessência é o destino de seu objeto. Aqui, portanto, neste campo restrito, pode-se presumir como os grandes fisiognomonistas - e os colecionadores são os fisiognomonistas do mundo dos objetos - se tornam intérpretes do destino. Basta observar um colecionador manuseando os objetos em seu mostruário de vidro. Mal os segura em suas mãos, parece inspirado a olhar através deles para os seus passados remotos. (BENJAMIM, 1987, p.228).

O que levou Daniel a continuar no decorrer dos anos, seu ritual dominical, foi o interesse pela literatura e, mais recentemente, pelo maquetismo. O acesso a títulos, por vezes raros, a um valor acessível, foi possibilitado, tanto pelos inúmeros

livreiros espalhados pela Feira, como pelas livrarias da Rua Tristán Narvaja, onde em sua a grande maioria, também vende e compra livros usados.

Primero lo primero: siempre me gustó leer, gusto potenciado por un profesor de Literatura de 3º de liceo que tuve, que me recomendaba títulos según mis gustos. Pero tenía un problema: los libros eran MUY caros en la época y no podía comprarlos. Entonces descubrí primero las librerías de usados en diferentes zonas de la ciudad, y luego el área de la calle Tristán Narvaja y su constelación de librerías de usados, donde podía canjear libros, inclusive de texto. Luego me enteré que había muchos puestos informales donde también se conseguían títulos interesantes, pero debía recorrer. ESE fue el principio de mi amor por la feria.

As inúmeras livrarias que se encontram distribuídas pela Rua Tristán Narvaja são, juntamente com os antiquários, locais procurados pelos frequentadores da Feira.

Recorriendo aprendí que también conseguía repuestos y herramientas para ciclismo, mi principal medio de transporte y de paseo en el momento y que siempre me gustó mucho. Y en todo esto también hay otro elemento muy importante: EL APRENDIZAJE.

Y con esto me refiero a que a medida que me conocían y charlando, preguntando, encontraba un camino en la literatura, diferentes estilos, épocas, etc. Muchos de estos libreros tienen muchísimos años en el tema, son realmente cultos y saben mucho. Lo mismo para el tema ciclismo, con los vendedores de la feria, los de una casa que ya no existe (Casa Cardelino) y experimentando aprendí lo suficiente para armar mi propia "chiva" (viejo término para la bicicleta, por lo que salta ja ja ja).

Daniel salienta o acesso a conhecimentos, via diálogo com os diferentes feirantes, tornando possível aprender sobre o que adquire, desde sua proveniência, passando por seu modo de obtenção pelo feirante e a época a que se refere. É nestas conversas informais, na maioria das vezes, acompanhadas da simpatia e boa vontade do vendedor, que se passa a olhar para as coisas de modo a compreendê-las dentro de um contexto. Ao mesmo tempo, aprende-se a olhar, distinguindo diferenças tênues, mas importantes de serem observadas no ato da compra.

Para ese momento ya había descubierto un mundo nuevo, fascinante, donde la HISTORIA (así en mayúscula) se puede encontrar desperdigada sobre una lona en la calle o una mesa sobre caballetes junto a los más variados objetos: el libro ese que hace 8 años que no se edita (El Invencible, Stanislaw Lem, Editorial Minotauro lo busqué por 5 años, Memorias del astronauta Ijlíón Tchli-ídem), faroles u dinamos Miller ingleses, los primeros comandos para cambios en bicicleta, libros y revistas de automovilismo, soldaditos de plomo (más recientes), y la culminación: AUTOS DE COLECCIÓN.

Todo esto abarca dos periodos de tiempo: primero entre los 15 y 25 años, donde fui muchas veces con mi padre y me interesaban los libros, las herramientas y las bicicletas. Otro luego de los 35, cuando nació mi hijo, y además de lo antedicho comencé a buscar esos juguetes que ya no se conseguían para él.

Como todo padre fue un poco revivir mi infancia, con mi hijo para enseñarle aquello que se fue y lo que vivió su papá. Pero también me di cuenta que esos autitos que tanto deseaba no me lo podían comprar de niño estaban ahí, al alcance a un precio relativamente módico. Los autos son mi primer amor, herencia de mi padre que me empezó a enseñar sobre el tema. Me gustan por su estética, su mecánica, la época que representan; me gustan las maravillas de Ferrari, Maseratti, Lamborghini, pero también ese modelo humilde, que sale a laburar todos los días durante 30 años y normalmente termina en un desarmadero porque no tiene el glamour de sus hermanos "importantes".

O coleccionismo entra na vida de Daniel sem uma razão objetiva, mas não desprovido de motivação, essa passa, sobretudo, pela possibilidade de adquirir na vida adulta o que não teve a chance de fazer quando mais jovem.

Volviendo al tema, ¿porqué coleccionar? Lo primero es una cuestión de gustos, que como otras tantas cosas no tiene una explicación cierta del porqué.

En rubros como las herramientas y los libros la motivación de compra en la feria es netamente económica, porque se puede acceder a lo mismo por mucho menor precio, permitiendo abarcar más. Los libros no los revendo ni los canjeo, ya que sucesivas lecturas muestran diferentes facetas, enseñan cosas diferentes, sobre el texto y sobre mí mismo y como cambio en el tiempo. Los considero mis amigos y compañeros de ruta, muchas veces mis maestros, parte de lo que soy.

En cuanto a los autos de colección es en parte recordar la infancia, o acceder a lo que tanto deseé, y porque encuentro que sus calidades son muy superiores a lo que es posible conseguir ahora. Tampoco los compro para comerciar sino porque me gustan, el modelo, la marca o están ligados a temas importantes para mí. En realidad tengo ahora 4 o 5 veces más autitos que cuando era chico ja ja ja, contando conque la mayoría de los que tenía en la infancia los conservo.

Daniel comenta que não é uma tarefa fácil acomodar as coisas que coleciona.

No tengo lugar suficiente, por lo que los autitos están bastante amontonados en dos lugares, uno de ellos una vitrina. Lo mismo me pasa con las maquetas plásticas, que si bien no están amontonadas por su fragilidad sí están desperdigadas en 3 o 4 lugares. Las que están sin empezar están cuidadosamente y ordenadamente apiladas en un lugar. El espacio disponible en casa entre casi 700 libros, 100 y pocas maquetas sin armar, 40 armadas, soldaditos de plomo, 50 o 60 autos de colección, 4 adultos (mi hija de 18, mi hijo de 22, mi señora y yo), un perro y un gato no sobra precisamente. Sin contar los instrumentos musicales de mi hijo (1 guitarra acústica, 1 electroacústica, una eléctrica, 2 bajos, un contrabajo clásico, un teclado y dos amplificadores) ja ja ja ja. Y no, no disponemos de 200mt cuadrados a pesar de todo.

Sobre o esta característica do ato colecionar Walter Benjamin salienta que:

De fato, toda paixão confina com um caos, mas a de colecionar, com o das lembranças. Contudo, direi mais ainda: o acaso e o destino que tingem o passado diante de meus olhos se evidenciam simultaneamente na desordem habitual desses livros. Pois o que é a posse senão uma desordem na qual o hábito se acomodou de tal modo que ela só pode aparecer como se fosse ordem? (BENJAMIN, 1987, p. 228).

A necessidade de acomodar sua coleção em um espaço limitado remete para o fato de que, segundo Benjamim (1987, p.228), “a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem”.

Como mencionado no capítulo anterior, Daniel realizou algumas fotografias da Feira, com a intenção de demonstrar algumas das surpresas com as quais cruzou nos seus percursos, embora não façam parte de suas coleções: “*Esto es una curiosidad, que lo encontré en la feria de T. Narvaja el domingo pasado*”:



Figura 13: Imagem de autoria de Daniel

Parece que era de Marklin, marca muy conocida entre el ferromodelismo. Ellos decían que sí funcionaba, pero... Son esos objetos únicos que aparecen de vez en cuando. Pedían \$ 4.000, no sé (por ignorar todo sobre el tema) si los valdría.

Assim, a perspectiva de Walter Benjamin centrada no colecionismo é importante para pensar a etnobiografia aqui desenvolvida, compreendendo a atitude do colecionar como uma arte, que tem relação com a propriedade, conferindo as coisas lugar de destaque.

4.5 Livraria Ilion

A Livraria Ilion, é aparentemente semelhante a outras da Rua Tristán Narvaja - abarrotada de livros e com estantes e mobiliários em madeira escura -, mas difere das demais por ser especializada em literatura bélica, uma das paixões de Daniel. Todos os domingos, ele compartilha este local com um pequeno grupo de amigos.

Ilion, desde hace por lo menos 25 años, los últimos 15 que yo la conocí con el formato actual de especializada en temas militares.

Hace como 15 años que voy a Ilion y que nos quedamos a charlar; ellos cierran a las 15 / 15.30 hs, así que en el transcurso de mi paseo voy por ahí. Hasta ahora somos 5-6 "muchachos" (je je) que acudimos alternadamente los domingos, pero hay lugar para más!



Figura 14: Interior da livraria. A autoria Daniel

La librería Ilión, es mi "base" donde consigo la mayoría del material sobre historia militar, aviación y modelismo. Pero para los que nos reunimos los domingos no es sólo un comercio, es un sitio de conversación, intercambio de vivencias entre amigos, noticias, conocimientos. También es oportunidad para mimosear a las 3 inquilinas del lugar²⁴. Y creo que a todos nosotros nos es particularmente agradable y atractiva una charla inteligente rodeados de libros (me siento como rodeado de todos esos autores que hablan desde esas páginas). Hace tiempo que pienso que el paraíso debe ser una inmensa biblioteca que tiene también maquetas, donde nos reunimos los amigos je je je.

Daniel descreve suas preferências literárias, dando especial ênfase à literatura bélica, o que justifica a sua íntima relação com a livraria:

Siempre detesté la Historia hasta que entré en el mundo del modelismo y conocí otra forma de aprenderla: CONOCIENDO EL PORQUÉ de las cosas. Y siempre fue un apasionado de la II Guerra, solamente extendí mis intereses a otros conflictos. Como lector recorrí mucho la Ciencia Ficción, pero también algo de los clásicos, muchos latinoamericanos, algo de uruguayos....en fin, que soy un lector omnívoro, por más que ahora esté casi exclusivamente con la literatura bélica. Como verás mi persona como la feria es un "cambalache" de todo tipo de conocimientos. Es así que te contaba que en la librería Ilión coincidimos los domingos 3 o 4 personas, interesados en la historia militar, que conversamos, intercambiamos ideas, hablamos de historia, armas, libros, vivencias, etc. Por supuesto no siempre hablamos de temas serios, a veces salen temas de fútbol, boxeo, política, o simples recuerdos...

Ter acompanhado Daniel em seus encontros na Livraria Ilion foi uma experiência dialógica e sensorial extremamente especial para a tessitura desta etnobiografia. Estar lá, com este restrito círculo de amigos, que aceitou minha presença com simpatia; acompanhar as conversas, sentir e compartilhar sua relação com tantos livros sobre os mais diferentes conflitos bélicos possibilitou que compreendesse e pudesse compor uma parte importante da etnobiografia com Daniel, no contexto da Feira de Tristán Narvaja.

4.6 Encontro entre mundos paralelos: percorrer para conhecer

Finalizo o capítulo retomando a noção de *mundos paralelos*, que compreende as inúmeras possibilidades que a Feira promove, de encontros com coisas e pessoas provenientes de diferentes horizontes. Tim Ingold (2005, p.77) argumenta que, “os lugares não tem posições e sim histórias [...] nós conhecemos enquanto

²⁴ “As inquilinas do lugar” são as três gatas que vivem na livraria, percorrem suas vitrines e poltronas.

caminhamos, de lugar para lugar”. (2005, p. 99). Efetivamente, os meios privilegiados para a elaboração desta etnografia foram a narrativa, fundada nos atos de percorrer e de mapear como meios de perceber, experimentar e compreender as diferentes lógicas em campo no contexto da Feira de Tristán Narvaja.

Busquei, ao longo deste capítulo, em conjunto com Daniel, demonstrar a importância do *descobrir-caminho*, no sentido de que caminhar é adquirir conhecimento sobre o lugar, deixando-se levar pelas percepções e sensações, sem roteiros prévios, porém com um conhecimento anterior, oriundo de outros percursos já realizados. Segundo Ingold,

O descobrir-caminho é entendido como desempenho habilidoso pelo qual o viajante, cujos poderes de percepção e de ação foram afinados através de uma experiência anterior, ‘sente seu caminho’, rumo ao seu objetivo, ajustando continuamente seus movimentos em resposta ao monitoramento perceptivo contínuo de seu entorno. (2005, p.78).

Por meio da construção desta etnobiografia, guiada por Daniel, caminhei e percorri as inúmeras ruas que cobrem a Feira (também virtualmente), trilhando, observando, tateando e colecionando coisas vindas de *mundos paralelos*. Assim, ao mapear lugares através das nossas memórias, podemos nos abster de “usar mapas”.

Durante muito tempo em Montevideo – e por esta mesma via – costumo dizer que, dentre todos os lugares da capital uruguaia, somente à Feira de Tristán Narvaja eu conseguiria chegar, mesmo de olhos fechados.

Como alguém que viveu no país, e está acostumado aos seus caminhos e modos, saber onde você está reside não no estabelecimento de uma correspondência ponto a ponto entre o mundo e sua representação, mas nas lembranças de jornadas já efetuadas, as quais lhe trouxeram ao lugar, ao longo dos caminhos de sempre ou novos. (INGOLD, 2005, p.101).

Tanto os percursos, quanto as experiências adquiridas neste espaço fazem-me sentir um pouco parte dele. Assim, forma e trama configuradas neste capítulo etnobiográfico corresponde a uma íntima relação com o lugar e com as pessoas que fazem parte dele, em particular, Daniel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos quatro capítulos que compõem esta dissertação, busquei apresentar e guiar o leitor em um percurso no interior da Feira de Tristán Narvaja, em Montevideo/Uruguai.

Assumi ao longo da etnografia – seja no campo, seja no texto escrito/visual – a perspectiva de uma *flâneuse*, privilegiando o que denominei de uma narrativa do encontro. Assim, privilegiei como fonte de conhecimento deste lugar as narrativas, memórias e práticas de meus principais interlocutores, cujas trajetórias de vida tem íntima relação com esta Feira. As percepções, os sentimentos e as reflexões compartilhadas entre nós emergiram fortemente ao longo de todo processo da pesquisa, contribuindo para a delimitação dos temas e das abordagens apresentados.

A ideia da Feira de Tristán Narvaja não ser apenas uma dentre tantas existentes na cidade, mas ter características e especificidades, devido às histórias, lendas e sentimentos que ela promove e potencializa, esteve sempre reincidindo nestas narrativas, assim como, nos diferentes materiais impressos e dispersos, recolhidos ao longo do processo de pesquisa. Esta ideia, tal como os aspectos e temáticas aqui abordadas, não foram delimitados previamente, mas surgiram do encontro e da escuta atenta aos enfoques privilegiados pelos meus interlocutores, na perspectiva de uma antropologia compartilhada. Neste sentido, os seus testemunhos, diretos ou mediados pela web, entrelaçados às minhas fotografias, impressões e dados do diário de campo, forneceram os elementos fundamentais e estruturantes da descrição densa de um lugar/evento considerado por eles, tanto quanto por mim, como especial.

A noção êmica de *mundos paralelos*, sugerida por Daniel, foi adotada como eixo da discussão, analisada e problematizada, com base no material empírico apresentado, em diálogo com o aporte teórico, no intuito de compreender este universo que a Feira agencia e engloba. Apesar de sua longevidade ultrapassar um século, repetindo-se semanalmente de modo sistemático, a Feira, como mencionou

Daniel, nunca é a mesma. Os encontros e descobertas viabilizados e promovidos nela e por ela afetaram-me de tal modo que aderem às minhas pegadas ao longo dos percursos realizados e estão aqui ofertadas ao leitor, através de uma narrativa que integra texto e imagem fotográfica. Estou, entretanto, ciente, de que este foi apenas um primeiro esforço de sistematização, que se concentrou na especificidade do seu *mercado de pulgas* e está longe de abarcar a Feira em sua totalidade,

Na busca por uma construção etnográfica atenta e sensível às narrativas construídas, acredito ter demonstrado a potência deste lugar/evento, especialmente no que concerne à especificidade e ao caráter inusitado e por vezes surrealista dos encontros nele promovidos e atualizados.

Ao concluir esta dissertação, sinto que não me despeço das lembranças construídas. Ao contrário, as fortaleço e reorganizo, na intenção de continuar refletindo sobre como esta Feira assumiu, ao longo do tempo, uma importância substancial para um número considerável de pessoas e trabalhadores. Percebo-me, ao final desta escrita, impregnada de e pertencente a este lugar, conhecedora de parte de seus percursos e história, e responsável pelo seu registro, difusão e restituição, mas ao mesmo tempo, certa de que as trilhas e encontros em potencial no interior desta Feira, são infinitos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana, NATAL, Geórgia & VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. In: **Comunicação cibernética, sessões do imaginário: Cinema Cibercultura Tecnologias da Imagem**. Famecos/PUCRS, 2008.

ARBEX, Márcia. A fotografia em *Nadja* um recurso antiliterário?. In: **CAUGRAMA** - Belo Horizonte, 4:79-94 - dezembro/1999.

AURELIANO, Waleska de Araújo. As pessoas que as doenças têm: entre o biológico e o biográfico. In: **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Editora 7 Letras, Rio de Janeiro, 2012

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, Volume I. Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Rua de Mão única**. Obras escolhidas, Volume II. Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge capitalismo. Obras escolhidas, Volume III. Editora Brasiliense, 1987.

BIAZUS, Paula de Oliveira. Resenha. ACHUTI, Luiz Eduardo Robinson. Fotoetnografia da biblioteca Jardim. Porto Alegre: Editora URRGS: Tomo Editorial, 2004.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2000.

BRETON, André. **Nadja**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

CLIFFORD, James. **Dilemas de la cultura: antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna**. Barcelona: editorial Gedisa, 1995.

COLMAN, Mario Pérez. Feria en uruguayo se dice Tristán Narvaja. julho de 1998. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/212074-feria-en-uruguayo-se-dice-br-tristan-narvaja>>. Data de acesso: Julho de 2016.

COSTA, Luis Artur, ANGELI, Andréa do Amparo Carotta de, FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografar. In: **Pesquisar na diferença: um abecedário**. FONSECA, Tania Mara Galli, NASCIMENTO, Maria Lívia do, MARASCHIN, Cleci (Orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2012.

DION, Sylvie. A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. In: **Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, nº 6, ago.-dez. de 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. In: **Cadernos de Campo**. Nº. 13, 2005.

GATTI, Giuseppe. **Apropiación subjetiva del espacio urbano. La proyección de Montevideo en la literatura de Hugo Burel**. Tese de Doutorado. Departamento de Literatura Española e Hispanoamericana, Facultad de Filología, Universidad de Salamanca. 2011.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch**. Rio de Janeiro, Editora Topbooks, 2007.

_____. **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Editora 7 Letras, Rio de Janeiro, 2012.

GORSKI, Sonia Romero. Espacio y momentos de felicidad urbana. In: **Feria de Tristán Narvaja Tiempo, Señales y Objetos**. Homenaje del CME- SUBTE a los 100 años de la Feria de Tristán Narvaja, 2009. In: <[http://issuu.com/zonaeditorial/docs/feria de tristan narvaja cme-subte ze](http://issuu.com/zonaeditorial/docs/feria_de_tristan_narvaja_cme-subte_ze)>. Data de acesso: Julho de 2016.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. In: **Diálogos Antropológicos**, Dossiê 1- Imagem, Dezembro de 1997.

HEAD, Scott. “Mestre Russo de Caxias”: um jogo improvisado entre etnografia e biografia. In: **Vida & grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona, Editorial UOC, 2004.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 18, nº 3. jan./jun. 2012.

_____. Jornada ao longo de um caminho de vida- mapas, descobrir caminho e navegação. In: **Religião & Sociedade**, volume 25, nº 1, Rio de Janeiro. julho de 2005.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2009.

Intendencia de Montevideo. In:< <http://www.montevideo.gub.uy>>. Data de acesso: Julho de 2016.

MACHADO, Rosana Pinheiro. Anos de Pedra: Etnografia de um camelódromo. In: **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornelia. (Orgs). Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013.

_____. **Identidades, conflitos e redes sociais entre camelôs: uma perspectiva etnográfica..** Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS. 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MAGNI, Claudia Turra. O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes da rua. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 141-149, jul./set. 1995

MANICA, Daniela. Entre relatos de vida, fotografias e cartografias. In: **Vidas & grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia**. (Orgs) KOFES, Suely, Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEJÍA, Rafael Estrada. Etnografia, cartografia e devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas. In: **Vidas & grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia**. (Orgs) KOFES, Suely, MANICA, Daniela. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. 1993.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: **Antropolítica. Niterói, nº 25, 2º sem**. 2008.

PIAULT, Marc Henri. Real e ficção: onde está o problema?. In: **Imagem e memória: ensaios em antropologia visual**. KOURY, M. G. P. (org.). Rio de Janeiro: Garamond. 2001.

RAPETTI, Jorge. **Las Relaciones Laborales en las Ferias Vecinales: ¿Shopping popular o Mercado de trabajo?**. Facultad de Derecho, Universidad de la República, Uruguay. 2005. Disponível em: <http://www.fder.edu.uy/espaciodeltrabajo/investigacion/ferias_vecinales.pdf>. Data de acesso: Julho de 2016.

RENARD, Jean-Bruno. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 32, abril de 2007.

RICOEUR. Paul. Arquitetura e narratividade. In: **Urbanisme**, nº 303, nov./dez. 1998.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho e ECKERT, Cornelia (Orgs.). **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho e ECKERT, Cornelia. **O tempo e a cidade: relação indissociável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ROLAND, Eduardo. **Un mercado de pulgas con nombre de legislador**. Junho, 2013. Disponível em: <<http://revistadossier.com.uy/acervo-cultural-y-patrimonial/un-mercado-de-pulgas-con-nombre-de-legislador/>>. Data de acesso: Julho de 2016.

SANTACREU, María José. La Feria de Tristán Narvaja y un Prólogo de Susan Sontag. In: **Feria de Tristán Narvaja Tiempo, Señales y Objetos**. Homenaje del CME- SUBTE a los 100 años de la Feria de Tristán Narvaja, 2009. In: <http://issuu.com/zonaeditorial/docs/feria_de_tristan_narvaja_cme-subte_ze>. Data de acesso: Julho de 2016.

SCHELOTTO, Salvador. Cien años de la feria construyendo urbanidad. In: **Feria de Tristán Narvaja Tiempo, Señales e Objetos**. Homenaje del CME- SUBTE a los 100 años de la Feria de Tristán Narvaja. 2009. Disponível em: <[http://issuu.com/zonaeditorial/docs/feria de tristan narvaja cme-subte ze](http://issuu.com/zonaeditorial/docs/feria_de_tristan_narvaja_cme-subte_ze)>. Data de acesso: Julho de 2016.

SARLO, Beatriz. **Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

SAVATER, Fernando. **Lugares mágicos**: os escritores e suas cidades. Porto Alegre: L&PM, 2015.

SILVA, Cristina Maria da. Antropologias nas cidades em grafias literárias. In: **Vidas & grafias**: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia. (Orgs) KOFES, Suely, MANICA, Daniela. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

SOUZA, Cristiane Santos. Entre relatos de vida, fotografias e cartografias: uma etnografia em diferentes proximidades. In: **Vida & grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

TURKLE, Sherry. Fronteiras do real e do virtual. In: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 11, dezembro 1999.

VEDANA, Viviane. Mercados de rua e ambiência e fruição estética: estudo de etnografia de rua. In: **Etnografia de rua**: estudos de antropologia urbana. ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornelia. (Orgs). Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013.

_____. **No mercado tem tudo que a boca come. Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo**. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

_____. **Sonoridades da Duração:** práticas cotidianas de mercado no mundo urbano contemporâneo. Uma introdução à construção de coleções etnográficas a partir dos dados imagéticos de campo. In: Anais do VII Congresso de Antropologia do Mercosul (VII RAM), Porto Alegre, 2007.

_____. É só um real! Performatividades do comércio informal de alimentos no Largo Glênio Peres em Porto Alegre. Porto Alegre; Banco de Imagens e Efeitos Visuais. PPGAS/UFRGS, Iluminuras; n. 76, 2005.

_____. **Fazer a Feira: estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

VIVALDA, Alfredo. **La feria de Tristán Narvaja.** Editora Arca. Montevideo. 1996.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo, Cosac Naify, 2010.